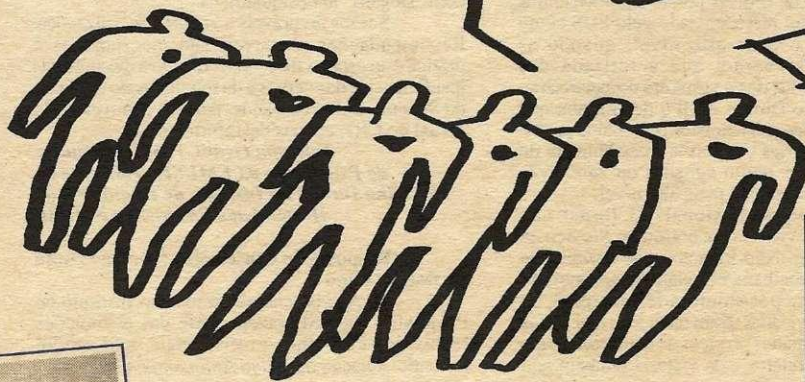
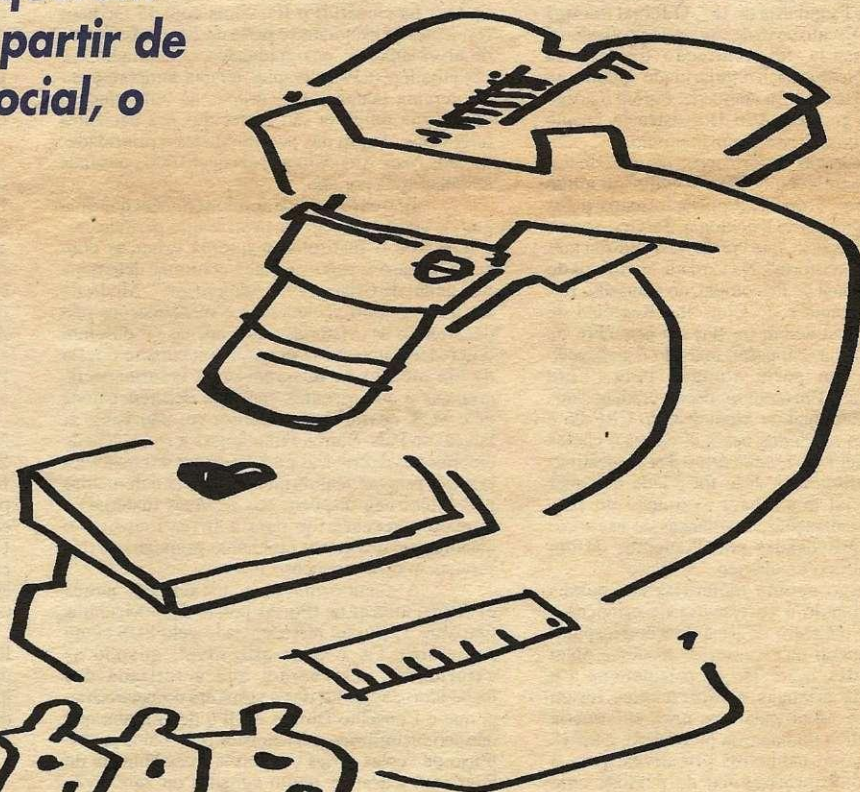


BIOÉTICA

UM GRITO PELA DIGNIDADE HUMANA E QUALIDADE DE VIDA

Teóricos dos países do Terceiro Mundo querem criar paradigmas para discutir a ética a partir de problemas como a fome, a exclusão social, o abandono e o racismo.

Págs. 8 e 9



**VALORES
DE REFERÊNCIA
NACIONAL DE
HONORÁRIOS**

Pág. 13

COMPORTAMENTO

A impunidade, a ausência de políticas sociais e os apelos sexuais que movem a sociedade moderna são considerados os principais fatores que estimulam o turismo sexual no Brasil.

Págs. 6 e 7

RECADASTRAMENTO

Números do recadastramento mostram que, quanto menos se investe em políticas públicas, mais difícil fica o mercado profissional.

Pág. 14

ENTREVISTA

Nise da Silveira

A PSIQUIATRA REBELDE FALA DE SUA VIDA, DO MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE E DA EMOÇÃO DE SER HOMENAGEADA POR UMA ESCOLA DE SAMBA CARIOCA.

Págs. 3 a 5



EDITORIAL

Tudo vale a pena, se a alma não é pequena

A constatação de que nenhuma decisão política ou econômica ocorre no Brasil no período entre o Natal e o Carnaval criou a afirmação de que o ano só se inicia realmente na quarta-feira de cinzas. Neste início de ano o hábito quase se repetiu; apenas um fato ocorreu: a votação, em primeiro turno na Câmara dos Deputados, da emenda constitucional que permite a reeleição do presidente da República, dos governadores e dos prefeitos.

O interesse pela reeleição do presidente provocou a paralisia do governo durante todo o ano passado levando-o até mesmo a abandonar a outrora urgente pauta de reformas. No mês de janeiro todo o mundo político ficou parado acompanhando as acrobacias postas em ação no Congresso Nacional,

que culminaram com a aprovação da emenda constitucional no último dia 28. Convocado extraordinariamente para votar uma pauta extensa, o Congresso Nacional transformou-se em palco de todo tipo de artimanhas e barganhas para a aprovação da reeleição.

O impedimento de reeleição consecutiva de titular de mandato executivo tem sido constante em todas as Constituições da República. Mudar tal princípio tem profundas conseqüências na vida do país, requerendo pois um amplo processo de discussão envolvendo toda a sociedade. Em nenhum momento assistimos a qualquer debate sobre o princípio em si ou sobre as implicações de sua adoção. O que vimos foram comportamentos "pragmáticos" subordinados à obsessão imperial em obter

um segundo mandato para o atual presidente da República. Já a sociedade assistiu com indiferença letárgica ao espetáculo oferecido sem poder participar, uma vez que não foi convocada para isso, mas estimulada a se manter numa atitude passiva de aprovação.

Enquanto isso o Brasil real continua enfrentando as tragédias cotidianas: violência, desemprego, desinvestimento público em saúde e educação. Na mesma semana em que a reeleição foi aprovada, também foi noticiado o aumento da incidência do dengue hemorrágico no país, conseqüência do descaso com que os governos vêm tratando a saúde pública.

Neste edição o *Jornal do CRP* traz matéria que expõe uma das piores chagas sociais dos países periféricos da economia globalizada: o abuso contra crianças e

adolescentes, utilizados numa rede organizada de prostituição. Mostra a tragédia mas também mostra as possibilidades de se lutar contra elas a partir da indignação das consciências civilizadas.

Também nesta edição, através da entrevista com a Dra. Nise da Silveira, destaca-se a homenagem aos que, apesar das dificuldades, lutam contra a corrente sem esmorecer na busca da transformação da realidade. A Dra. Nise é pioneira em nosso país nas propostas de resgate ao respeito dos direitos dos portadores de sofrimento mental. Sua história mostra que é possível passar da indignação diante das injustiças à ação transformadora da realidade injusta e confirma o dito do poeta de que tudo vale a pena se a alma não é pequena.

CARTAS

"Condenar é fácil..."

O número de novembro/dezembro de 1996 do *Jornal do Conselho Regional de Psicologia (CRP-06)* publicou uma condenação à proposta terapêutica do Instituto de Psiquiatria do HC. O *Jornal* informa (?) sobre uma fiscalização de exercício profissional autotransformada em avaliação de modelo assistencial. Nenhuma irregularidade quanto ao exercício profissional foi apontada. Porém o artigo se refere a um grande centro de assistência, ensino e pesquisa como se fosse um manicômio.

Baseado em "informações do conselheiro do CRP, Floriano Nuno de Barros Filho", o artigo refere-se a uma "Comissão mista formada pelos Conselhos Regionais de Psicologia, Serviço Social, Farmácia e Medicina", que "realizou no último mês de outubro nova vistoria". Na verdade, membros do Conselho Regional de Psicologia, do Conselho Regional de Farmácia e do Conselho Regional de Serviço Social estiveram no IPq em setembro de 1996 dizendo estar, em parte, fazendo fiscalização profissional, em parte atuando pela "Luta Antimanicomial". Em outubro, fiscais credenciados do Conselho Regional de Medicina, do CRP-06 e do Cress foram recebidos pelos diretores e chefes de serviços, além de funcionários das respectivas categorias profissionais. Não foi criada qualquer comissão oficial mista para avaliação do IPq. Recebemos fiscalizações simultâneas de exercício profissional, provocadas por elementos de um movimento político-ideológico.

O artigo aponta melhorias em nossas instalações, citando a enfermaria de crianças e adolescentes e o Centro de Reabilitação/Hospital-dia. De fato, apesar da escassez de recursos, além das mencionadas, o serviço de psicoterapia e o ambulatório de crianças e adolescentes foram modernizados e foi ativada uma nova enfermaria mista para adultos (na maioria pelo SUS), com 18 apartamentos com banheiros privativos, para o atendimento multiprofissional de pessoas com problemas e abordagens compatíveis entre si, conforme o novo modelo de atendimento especializado no nosso Plano Diretor. Nada disso é mencionado no *Jornal*.

Nosso serviço de eletroconvulsoterapia oferece tratamento ambulatorial e sob internação, com equipamentos modernos e equipa especializada, sob anestesia em unidade de tratamento intensivo, com a mesma segurança e eficácia dos centros mais

desenvolvidos. Entretanto, além de "medicamentos e etc.", exercemos muitas outras atividades terapêuticas em nossas enfermarias e demais serviços, graças ao trabalho dedicado e competente de profissionais contratados e colaboradores (além de seus funcionários o IPq conta com 45 médicos residentes de psiquiatria e perto de 200 profissionais de nível superior, pós-graduados, colaboradores e pesquisadores). Psicoterapias, terapia comportamental, terapia ocupacional, grupos de auto-ajuda e assistência religiosa são oferecidos aos pacientes internados, dentro das possibilidades e prioridades de cada caso. Atendemos mais de 40.000 consultas ambulatoriais por ano.

Barros Filho "...informou também que uma grande vitória conseguida pelas visitas periódicas... é que hoje o Instituto só interna crianças com acompanhantes, pais e parentes, conforme determina o Estatuto da Criança e do Adolescente". Modéstia à parte, os aperfeiçoamentos e modificações não decorreram das vistorias - elas apenas propuseram descredenciamento. O que está em curso é o teste de um modelo de intervenção. A enfermaria de crianças e adolescentes continua descredenciada pelo SUS, apesar de ser a única em São Paulo e, talvez, no País. Barros Filho ignora a existência de enfermarias de crianças e adolescentes nos melhores serviços psiquiátricos do mundo e que as enfermarias pediátricas não dispõem dos recursos materiais e humanos necessários para a investigação e o atendimento dos graves problemas psiquiátricos que acometem essas crianças.

A desinformação é intencional: nunca existiram trancas no IPq. As portas têm fechaduras tipo Yale. O IPq foi recredenciado pelo SUS como psiquiatria IV, o mais alto nível, quando as autoridades perceberam que a retirada das fechaduras das portas dos quartos era desnecessária, já que o Conselho Diretor do IPq determinou que não seriam utilizadas. O Ministério da Saúde proíbe o uso de "celas fortes". A forma mais humana de lidar com pacientes muito agitados ou agressivos aguarda uma discussão de mais alto nível.

Exercício profissional? O *Jornal* não menciona o que a vistoria encontrou no Serviço de Psicologia do IPq. Não menciona as dezenas de psicólogos que trabalham, estagiam, se aprimoram, fazem pesquisas, pós-doutorado, ensinam ou supervisionam atividades. Nem menciona que temos um dos mais respeitados serviços de neuropsicologia do País. Aliás, o relatório da vistoria também não

menciona nada disso.

O fiscal elogia as técnicas de ressocialização do nosso Centro de Reabilitação/Hospital-dia. Entretanto, para poder frequentá-lo, nossos clientes tiveram assistência médica efetiva em suas crises e, caso reagudizem, beneficiam-se dos recursos que forem necessários, inclusive reinternação, medicação e etc. Nossos diagnósticos e planejamentos terapêuticos são feitos respeitando-se as competências e responsabilidades legais de cada membro da equipe multiprofissional.

Graças a trabalho sério e constante aprimoramento, o Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP e o Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP, nele sediado, são reconhecidos como o maior e mais bem equipado centro de assistência, ensino e pesquisa em Psiquiatria e Saúde mental no Brasil (Centro colaborador da OMS para pesquisa e treinamento em saúde mental, pós-graduação em psiquiatria nível A - Capes, instituição psiquiátrica SUS-IV). A rede extra-hospitalar não pode dispor dos recursos do HC. Por isso recebemos pacientes de outros municípios e de outros estados.

Como centro colaborador da Organização Mundial de Saúde para Pesquisa e Treinamento em Saúde Mental, temos acesso aos documentos da OMS. Contamos também com intercâmbio internacional permanente e apoio técnico consistente de alguns dos centros mais desenvolvidos da Europa e dos Estados Unidos. Temos posições claras, tecnicamente embasadas e públicas, a respeito dos projetos de lei submetidos ao Legislativo. Não nos impressionamos com "slogans" antipsiquiátricos.

Somos favoráveis a visitas e fiscalizações. Recomendações plausíveis são incorporadas à prática e ao espaço físico do IPq dentro das notórias insuficiências das verbas e da remuneração aviltante do Sistema Único de Saúde. Artigos como esse, do *Jornal do CRP*, apenas desinformam.

Valentim Gentil, Professor Titular de Psiquiatria da FMUSP, presidente do Conselho Diretor do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP

Resposta do conselheiro Floriano Nuno de Barros Filho

1 - As vistorias realizadas no Instituto de Psiquiatria da USP, fazem parte das atribuições legais dos conselhos profissionais, não sendo, portanto, atuação da "Luta Antimanicomial";

2 - Ambas as vistorias foram realizadas por representantes legais dos Conselhos Regionais presentes, sendo que a primeira, realizada no mês de setembro, foi precedida de reunião na Superintendência deste hospital, que autorizou a nossa entrada no Instituto de Psiquiatria;

3 - Quanto à existência de trancas, apesar de não termos encontrados pacientes trancafiados, conforme consta da referida matéria, como ocorreu na vistoria de 1994, em que encontramos duas crianças de 4 e 6 anos trancafiadas, limitamo-nos a relatar a contradição entre informação prestada pela enfermeira, que afirmava que as trancas não eram utilizadas, e a fala de um paciente, que nos disse o contrário;

4 - A informação de que os psicólogos fazem apenas avaliação, quando solicitado, e que lhes é proibido fazer psicoterapia nos foi prestada pelos profissionais que trabalham na instituição;

5 - No mais, a carta do professor Valentim apenas confirma o que relatamos, como a utilização da eletroconvulsoterapia (eletrochoque) não apenas nos pacientes internados, mas também no tratamento ambulatorial.

A divergência existente entre o IPFMUSP e este Conselho de Psicologia diz respeito à opção terapêutica a ser oferecida aos usuários de saúde mental:

- A que elege os serviços comunitários como forma primordial de atenção à saúde mental, preconizada pelo Ministério da Saúde e defendida por este CRP,

- Ou a que privilegia a exclusão, via internação, preconizada no IPUSP e defendida pelo professor Valentim.

Tal assunto é também de responsabilidade da comissão mista dos conselhos profissionais.

As cartas à redação devem ser enviadas datilografadas para a sede do CRP, à Rua Borges Lagoa, 74 - Vila Mariana - CEP 04038-004 - São Paulo - SP. Por uma questão de espaço serão publicadas resumidamente, a critério da redação.

Conselho Regional de Psicologia

Conselheiros:

EFETIVOS: Augusto Sérgio Callile, Cláudia M. Sodré Vieira, Cláudia Medeiros de Castro, Cristina Amélia Luzio, Erane Paladino, Floriano Nuno de Barros Pereira Filho, Helena M. C. de Moura Hirye, Marcos Colen, Maria Costantini, Maria Cristina Pellini, Nelson D'Angelo Ribeiro, Othon Vieira Neto, Rosalice Lopes, Sérgio Luiz Braghini e Sidnei Celso Corocine.

SUPLENTE: Ana Maria R. de Carvalho, Anita Cecília Lofrano, Armando de Freitas Pinho, Cassia Regina Rodrigues, Cassio Rogério D. Lemmos Figueiredo, Dayse Cesar Franco Bernardi, Glória E. B. Pires von Buettner, José Roberto Tozoni Reis, Leny Sato, Luiz Humberto Sivieri, Nilma Renides da Silva, Roberto Moraes Salazar e Sonia M. Carrijo D'Angelo Ribeiro.

O Jornal do CRP é uma publicação oficial do Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região

Equipe Editorial: Marcos Colen, Sérgio Braghini e José Roberto Tozoni Reis

Jornalista Responsável: Juliana Motta

Redação: Juliana Motta/Jussara Braga

Revisão: Dinorah Ereno

Diagramação e Editoração Eletrônica:

Digital Artes Com. e Edit. (011) 605-6098

Impressão: Bangraf

Tiragem: 38.000 exemplares

Periodicidade: Bimestral

Sede: Rua Borges Lagoa, 74 - São Paulo - SP - CEP: 04038-004

Fone: (011) 574-7133 - Fax: (011) 575-0857

ENTREVISTA

Nise da Silveira

Cão de guarda das imagens do inconsciente

Foto: Márcio Zoet



Nise da Silveira abre a porta de seu apartamento no bairro carioca do Flamengo, e avisa logo que não gosta de entrevistas, jornalistas ou instituições. Preocupada em estudar o samba-enredo do Salgueiro, em que foi a homenageada no carnaval deste ano, havia se esquecido do compromisso. Inquieta, chama a amiga e colaboradora Maria Lúcia Vinha Boiteux (com quem iria procurar em sua desordem - "porque eu sou desordenada" - uma carta de Antonin Artaud), para participar da entrevista e ajudá-la com as "pára-quedistas do CRP", conforme ela definiu.

Dispara em seguida, quase como se não percebesse a simbologia, que já lhe atribuíram várias idades diferentes (os dados oficiais dão conta de que teria nascido em Maceió, em 1906), mas que nenhuma é a verdadeira. Decerto que não. Mesmo porque, por mais que já se tenha falado a seu respeito, Nise da Silveira continua surpreendente. E é isso que a faz sem idade definida.

Desde que se negou a apertar o botão de uma máquina de eletroconvulsoterapia (choque elétrico) num hospital psiquiátrico, até hoje, ela continua obstinada em romper com os padrões estabelecidos. Contudo, não se limitou a romper estruturas. Em vez disso, deu um sentido à sua indignação contra os procedimentos utilizados no tratamento de psicóticos, criando novo método de tratamento psicológico para identificar e dar vazão ao sofrimento humano. Foi assim que fundou o Centro de Terapêutica Ocupacional no antigo Centro Psiquiátrico Nacional, no Rio de Janeiro. Começou então, ainda na década de 40, a percorrer os caminhos de uma região da mente humana desconhecida: o inconsciente. Do trabalho no setor de terapia ocupacional (terminologia que detesta e substituiu pela expressão "emoção de lidar", ouvida de um cliente) surgiram obras inesperadas, as-

sim como eram inesperados os resultados que começou a obter com o tratamento. Em 1952, reuniu as obras dos clientes de seu setor de terapia ocupacional e fundou o hoje mundialmente conhecido Museu de Imagens do Inconsciente. Na mesma década (em 1956) fundou a Casa das Palmeiras, que ainda permanece em funcionamento no Rio de Janeiro, seguindo suas orientações.

Irônica e bem-humorada (apesar do aparente mau humor), prefere, a entabular uma conversa teórica, contar casos e fazer metáforas das situações que protagonizou. Sobre seu método de trabalho, diz que está descrito em sua obra. Incisiva, Nise faz questão de deixar claro que, em lugar do título que qualquer profissional possa lhe apresentar como credencial, admira mesmo aqueles que têm a sensibilidade de "desfocar" o olhar, para enxergar além das imagens objetivas. Foi assim, por exemplo, que passou a respeitar

um monitor do hospital em que trabalhava, quando este, olhando no canto do olho de um cliente, tirou-o do esquecimento inexpressivo, após 23 anos de internamento.

Depois de romper com a estrutura brutal dos hospitais psiquiátricos e do tradicional setting terapêutico, hoje tem sua obra reconhecida em todo o mundo. Nem por isso parece disposta a ficar quieta. Continua rompendo. Desta vez com a formalidade de uma entrevista jornalística. Não responde necessariamente a uma determinada pergunta, da mesma forma que quando quer dizer algo não espera por indagações. Por isso o *Jornal do CRP* insistiu em continuar a conversa, apesar de seus protestos e de ela não gostar de entrevistas, jornalistas ou instituições: no "canto de seus olhos" há uma exigência permanente em falar que a matéria-prima essencial para os profissionais da área "psi" não é o infortúnio alheio, como que-

rem alguns, mas sim a capacidade de co-mover-se com o outro.

CRP - A senhora este ano será homenageada pela escola de samba Salgueiro. Como é que vai ser sua participação? A Casa das Palmeiras vai participar?

Nise - A Casa das Palmeiras vai participar. Porque nos chamaram. Em meu livro "Imagens do Inconsciente" estudo o tema "A barca do sol", que faz parte do enredo "De carnavalesco e louco todos nós temos um pouco", do Salgueiro. O carnaval é uma festa dionisíaca. E eu me meti nisso, primeiro, porque quem veio me convidar foi uma amiga de muitos anos, Nilza Oliveira. Ela saiu do Brasil, foi para a Inglaterra e estudou história da arte, tem doutorado de arte na Inglaterra. Coisa séria, eu não me meteria numa coisa leviana. O encarregado da escola, o Mario Borriello, é um homem muito culto. Eu nunca o tinha visto, mas a Nilza o trouxe aqui. O enredo foi tirado de meu livro.

Vai ter uma ala da Casa das Palmeiras, e vai ter a barca do sol em que os clientes vão participar. Eles sairão no carro alegórico, desenhando, pintando, como num ateliê. Mas alguns vão sair no chão, sambando.

CRP - A imprensa falou muito sobre essa homenagem.

Nise - Sim, mas os jornais nem sempre entendem a coisa. Eles usam, por exemplo, palavras que, nem se me colo-

A PSIQUIATRA REBELDE FALA DE SUA VIDA, DO MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE E DA EMOÇÃO DE SER HOMENAGEADA POR UMA ESCOLA DE SAMBA CARIOCA

"Os jornais usam palavras que não pronuncio nem se me colocarem uma faca no peito"

ENTREVISTA

"Os bichos ajudam no tratamento porque são sensíveis e carinhosos quando bem tratados"

carem uma faca no peito, eu pronuncio. Paciente, por exemplo. Se você quiser me matar com uma facada eu deixo, mas não digo essa palavra nem morta.

CRP - Como é que a senhora se refere a essas pessoas?

Nise - Amigos, pessoas, o senhor, a senhora. Eu não digo "doentes" nem amarrada.

CRP - Houve uma entrevista num canal de televisão em que se falou na participação das pessoas da Casa das Palmeiras no desfile do sambódromo. E os participantes da mesa se mostraram muito apreensivos quanto à escola de samba ter autorização para colocar essas pessoas na rua. Indagavam como é que era isso, quem estaria tomando conta.

Nise - Assim jamais você curará as pessoas. Elas se sentem excluídas. Eu não admito a exclusão. Nem de gente nem de animais. Eu sou o bicho Nise. Você é o bicho Juliana. Você, o bicho Cristina Amélia e você o bicho Márcia (em referência à equipe de reportagem do *Jornal do CRP* presente à entrevista). Os maiores sofrimentos da minha vida, e isso você pode dizer, foram causados pela incompreensão dos psiquiatras quanto ao papel que os bichos podem ter como elementos curativos.

CRP - É interessante porque, em toda a sua trajetória, a senhora brigou tanto com as instituições e hoje é homenageada justamente por uma escola de samba.

Nise - Isso. A instituição não me interessa. Elas me desprezam e eu, reciprocamente, as desprezo. Não por mal. Se elas quiserem se aproximar de mim, eu as recebo com prazer, mas dizem que eu faço festas folclóricas, que eu sou dona de gafieira. Isso realmente aconteceu certa vez. Eu respondi ao psiquiatra que me chamou de dona de gafieira. Disse que realmente eu frequento as gafieiras. Eu nunca fui a uma, mas disse que ia. (risos) E disse que tenho perto de casa duas gafieiras famosas. Eu disse: "Se você quiser, passe aqui em casa às 10 horas da noite para irmos juntos a uma dessas gafieiras". Ele se calou e nunca mais disse nada.

CRP - A senhora fez referência às resistências dos psiquiatras quando utilizava os animais e os chamava de co-terapeutas. Como acredita que esses animais ajudam no tratamento?

Nise - Ajudam porque são inteligentes, porque são extremamente sensíveis, são carinhosos quando bem tratados. E o bicho-gente geralmente não trata com carinho um indivíduo doente. Não liga. Os bichos-gente, orgulhosos, sempre têm medo, dizem que os animais transmitem doenças. Tudo isso é besteira. O homem também transmite. Se uma de vocês estiver gripada, é capaz de me transmitir. E até atrapalhar a minha vida. Espero que ninguém esteja gripada. (risos)

CRP - Não, não estamos.

Nise - Quando vão missões até os índios, geralmente levam tantos vírus que dizimam as tribos. Teve uma missão, já há anos, que transmitiu o vírus de conjuntivite e estragou muitos índios, porque como eles nunca tiveram conjuntivite, não têm resistência. Eu recebi a visita de um índio que me disse: "Estamos cansados das florestas dos homens brancos".

CRP - Hoje, ainda que de forma muito tímida, os profissionais que trabalham junto a essas pessoas que têm uma forma de existência muito diferente, têm, cada vez mais, valorizado uma maneira de trabalho em que a senhora foi pioneira. A senhora já disse isso há muito tempo e continua dizendo. Hoje parece que cada vez mais as pessoas estão buscando um caminho que a senhora já trilhou.

Nise - Isso tem num livro do Ferreira Gullar. (Fazendo referência ao livro "Nise da Silveira", de Ferreira Gullar, da coleção Perfis Rio, ed. Relume Dumará)

CRP - Sim. Nós lemos. Lemos os seus livros, mas gostaríamos que a senhora falasse um pouco de algumas questões sobre as quais escreveu. Por exemplo, mitologia.

Nise - A mitologia na minha linha de trabalho, que é a junguiana, é a linguagem do inconsciente.

Fiz a primeira encenação teatral em cima das pinturas deles. Como tenho amigos, chamei os amigos e pela primeira vez no Brasil as tragédias de Eurípides foram apresentadas muito bem. Eu mis-

turei grandes autores, como meu amadíssimo amigo que morreu, Rubens Corrêa e os "doentes", para falar a linguagem corrente.

Esse foi um fato curioso, que aconteceu durante umas conferências sobre psiquiatria realizadas no hospital em que eu trabalhava. Essas besteiras. Eram conferências que aconteciam, se não me engano, de sete em sete anos. Eu não tenho certeza disso, porque não conto anos. A mim dão vários anos. Nenhum é certo. Porque mesmo se vocês forem ao cartório de registros vão encontrar meu nome com uma idade, mas não é aquela a minha idade.

Lúcia - Dra. Eu acho que elas gostariam de conhecer a Casa das Palmeiras. Eu acho importante que elas possam ir até lá.

Nise - Eles estão trabalhando pelo carnaval.

Lúcia - Olhem, agora está todo mundo em ritmo de carnaval. Os clientes estão assanhadíssimos. Então eles estão fazendo fantasia, cortando.

Nise - Eles próprios estão fazendo suas fantasias. A Vera que é psicóloga, muito culta e pertence ao grupo de estudos que mantemos aqui, vai para o barracão para ver como estão as coisas. Nós não temos dinheiro e nem queremos.

Mas nesse meio tempo eu recebi uma carta de psicólogos e a essas eu dei prioridade, mesmo sobre o carnaval. E já respondi. É a carta de umas psicólogas que querem fundar uma Associação de Amigos dos Animais. Nesta carta elas denunciavam que a Universidade de São Paulo está querendo criar abrigos para gatos.

Enviei também uma carta para o reitor da Universidade de São Paulo. Eu pus na carta que em Roma os gatos estão à solta, são seres que nos ensinam sutileza, inteligência, capacidade de amar. Vocês podem entrar nessa associação, se quiserem, se forem inimigas dos gatos, serão cortadas.

CRP - Mas a senhora estava falando que já lhe atribuíram várias idades diferentes. Essa história da adulteração de seus documentos para poder entrar na faculdade de medicina é muito boa. Aliás, a senhora tem uma vida muito interessante.

Nise - Mas isso é uma bobagem. Eu posso ter 15 anos agora e ter 50 hoje mesmo de mentalidade. E vocês podem ter 30 anos, desculpem se estou atribuindo um número maior...

CRP - (risos) Não, a senhora está sendo muito generosa

Nise - ... e podem ter 15 anos se me perguntarem "você tem aí uma corda para eu saltar"?

CRP - Tudo é muito relativo.

Nise - Os médicos psiquiatras são muito prepotentes.

CRP - Os psicólogos também.

Nise - Os psicólogos tendem a essa prepotência. Quando eu faço teatro, os clientes estão ao meu lado.

CRP - Os psiquiatras tradicionais têm uma idéia muito "clara" do que é cura.

Nise - Se eles pensam de outro modo, que continuem pensando. Eu sou amiga de muitos deles.

CRP - Como foi a sua aproximação com Jung?

Nise - Aconteceu quando eu fui estudando as diferentes correntes psicológicas. Estudei Freud, tenho as obras completas de Freud e o respeito muito. Mas quando li Jung, vi que ele estava na frente de Freud. Como eu jamais seria uma historiadora, porque sou mais uma pessoa que olha para o futuro, comecei a estudar a psicologia junguiana. Mas o hospital não me deu recursos, eu não podia viajar, porque sou pobre. Eu excluí as instituições porque não gosto delas.

Há pessoas nos meus grupos de estudos que não pagam nada. Entram e saem se quiserem, vão embora e, se quiserem voltar, voltam. Eu trabalho fora dos moldes convencionais, mas nem por isso deixo de ter amigos nesses moldes convencionais. Porque cada um tem direito de pensar como quiser.

CRP - Embora a senhora diga que as instituições tenham a tendência de não respeitá-la, cada vez mais seus trabalhos são referência. Hoje nas universidades vemos os alunos trazerem sua produção para a sala de aula. Os psicólogos estão buscando novas formas de atuar.

Nise - Claro, porque precisamos caminhar para o futuro. Estamos realmente como diz o Capra, o físico, num momento de mutação em todas as áreas. E quem não embarcar nessas mutações, não procurar se informar, vai ficando para trás.

CRP - Mas também é um momento muito delicado. Discute-se muito hoje sobre a possibilidade de se acabar com os manicômios. Tem até um projeto tramitando em Brasília, do deputado Paulo

"Estudei Freud e o respeito muito. Mas, quando li Jung vi que ele estava na frente de Freud"

ENTREVISTA

Delgado, que prevê o fim gradativo dos manicômios e sua substituição por outros tipos de equipamentos para tratamento psiquiátrico. Como a senhora vê essa idéia do fim da atenção asilar?

Nise - Eu acho que o projeto dele, o espírito com que ele o escreveu é correto, mas tem falhas. Você não pode acabar completamente com a internação. Também não concordo com essa mania de fazer o doente voltar para casa, porque às vezes é na casa que estão os conflitos. Eu sou partidária, nesse aspecto, do Laing que é o meu psiquiatra predileto, junto com Jung.

CRP - Mas o projeto fala em uma substituição gradativa dos leitos. E não prevê o retorno automático à família. Ele fala em abrigos e outros tipos de equipamentos em que essas pessoas poderão ter atenção.

Lúcia - No caso desse projeto, ele quer acabar com os manicômios, essa antiga estrutura.

Nise - Não há ninguém mais poderoso no mundo, nem a rainha da Inglaterra, que o psiquiatra. Porque se ele disser "fique internado", a pessoa fica internada a vida inteira.

CRP - Mas o projeto mexe no internamento compulsório.

Nise - Mexe com o poder. Tira o poder dos médicos. E, no entanto, há excelentes psiquiatras. A instituição é que é o perigo.

Lúcia - E aí entram interesses políticos, financeiros etc.

CRP - A senhora já recebeu sugestões para buscar convênios para a manutenção da Casa das Palmeiras, mas nunca aceitou a idéia. Por quê?

Nise - Foi um amigo meu que me disse isso na melhor das intenções. Eu contei para ele uma fábula de La Fontaine. Um dia um cão gordo bem nutrido estava andando. E encontrou um outro cão esquelético, magro. Ele então o convidou para almoçar, dizendo que seu almoço era bastante abundante. O cão aceitou, porque estava com fome. Mas, quando foram andando juntos, o cão magro viu no pescoço do outro, umas falhas no pêlo. Ele perguntou o que era aquilo. O cão gordo disse: são marcas da minha coleira. Porque eu à noite fico solto como guardião da casa e de manhã eu sou preso à coleira. Dou apenas uma volta para resolver os problemas fisiológicos. Então o cão magro disse: então eu agradeço muito a sua gentileza, mas eu não como com você porque eu não aceito coleiras. É essa a minha filosofia. A Casa das Palmeiras é uma instituição pobre, mas eu não quero convênio de espécie alguma. Não quero coleiras.

CRP - Em alguns de seus livros a senhora fala sobre a questão da cura.

Há inclusive uma citação de um cliente que certa vez perguntou se tinha cura. E a senhora respondeu que ele não conseguiria mais ser um burocrata. A senhora poderia falar um pouco sobre o seu conceito de cura.

Nise - Um dia um cliente das Palmeiras, que era escrivão em uma instituição, me perguntou: a senhora acha que eu posso voltar à minha instituição? E eu disse: Deus me livre que você volte. A doença dele era a instituição. Aí eu disse que queria que ele fosse muito além da instituição. E realmente ele foi.

CRP - De que forma as diferentes formas de expressão, como pintura, modelagem, escultura etc. causam efeitos nos clientes?

Nise - Depende da vocação de cada um. Eu nunca digo o que cada um vai fazer. Eu nunca usei a palavra arteterapia. Eu tenho vontade de dar uma pancada. Vou contar um episódio que define isso. Quando eu comecei o meu trabalho de oferecer atividades para os clientes, levantou-se a campanha contrária. Diziam que os doentes iam sair dos hospitais e brigar, fugir, fazer isso e aquilo.

Quando chega um dia eu passo na oficina de encadernação e vejo uma cara nova. Tinha sido o monitor que o tinha trazido. Eu disse a ele que iria me criar problemas porque eu não conhecia aquele cliente e que poderia acontecer qualquer coisa, que ele poderia fugir. E disse que, se isso acontecesse, poderia prejudicar a ele e a mim. E ele me deu a seguinte resposta: "Dra. eu sei, mas há dias, quando ia buscar os outros clientes para virem à oficina, eu notava no canto dos olhos desse doente o desejo de vir comigo". Então eu parei estática e disse: "Hernani, você, um homem que sabe ler no canto do olho de um esquizofrênico, é uma pessoa excepcional. Eu vou falar com o médico dele e pedir para ele preencher a ficha".

Era um cliente que estava internado há 23 anos e que tinha por missão levar a roupa suja das enfermarias para a lavanderia, o que não devia ser das tarefas mais agradáveis. Falei com o médico e não tive a menor dificuldade. O médico me disse que assinaria sem dúvida, mas que ele estava há 23 anos internado, não falava com ninguém e levava a roupa para a lavanderia

sem criar casos. Desde essa época eu fiquei com um respeito por esse monitor que eu não tenho por muitos altamente graduados. Por sua capacidade de ler no canto do olho de um esquizofrênico internado há 23 anos.

CRP - E como está o Museu de Imagens do Inconsciente?

Nise - O museu vive assombrado. Porque sempre fui eu que me meti no museu, mas eu estou aposentada. O rapaz que trabalhou comigo e que é um apaixonado pelo Museu conhece muito bem as imagens. Vocês fariam muito melhor indo ao museu do que vindo aqui, ver a minha cara feia. (risos)

CRP - Quais são as atividades que o museu faz ainda hoje?

Nise - Pintura espontânea, modelagem espontânea e depois o estudo desse material. Nós temos um acervo de cerca de 300 mil peças. Agora o meu pânico é que esse rapaz que trabalhou comigo há quase 40 anos vai embora. Quando as minhas dificuldades de movimentos permitem eu voar me deliciar lá, porque tem escada para subir.

CRP - Estão querendo mudar o Museu de lugar?

Nise - Não. Não mudam não. Espero que não sejam tão burros assim.

Lúcia - O que estão querendo é talvez passá-lo para aquele espaço na Praça 15. Aí é outra coisa.

Nise - É outra coisa. Mas o Brasil é engraçadíssimo. Eu parecia a macaca Sofia, ao lado de um ministro, ao lado de outro ministro, e uma testemunha, minha queridíssima amiga Zoe Chagas Freitas. A idéia de Gullar era fazer na Praça 15 (prédio da Vigilância Sanitária) um pequeno setor de exposição (Espaço Nise da Silveira). Uma coisa educativa em que as pessoas não só vissem as imagens, mas também ouvissem palestras. Mas começou uma disputa entre as esferas federal e estadual. E tanto brigaram que acabou a idéia. Essa proposta foi feita no governo Sarney.

CRP - Seria uma forma de a sociedade tomar conhecimento deste trabalho.

Nise - Mas para que brigar o estadual com o federal? Isso é o orgulho humano.

"Eu tenho sido um cão de guarda do Museu de Imagens do Inconsciente"

Eu não tenho nenhuma prevenção que eles façam um movimento cultural. Pelo contrário. É preciso. Mas também quero preservar o espaço cultural que eu criei e que corre riscos após a minha aposentadoria. Contanto que não o metam num buraco desses da rua... Deve ser um espaço educativo. Mas dias depois um desses ministros que estavam ao meu lado foi demitido. (risos) (Estavam presentes os ministros Antonio Houaiss, da Cultura e Jamil Haddad, da Saúde, sendo que a entrevistada refere-se ao segundo.)

CRP - Por causa dos problemas financeiros, houve épocas em que chegaram a sugerir que a senhora vendesse muitos quadros, e a senhora reagiu.

Nise - Tive grandes brigas por isso. Foram amigos meus. Muitos diziam que, como eu me queixava de falta de recursos, por que não vender quadros? Se eu vendesse, eu acabava com o museu. Até pessoas que gostavam dos quadros queriam que eu vendesse. Eu fui de uma firmeza que eu mesma admiro. Houve o irmão do autor de um quadro que reclamou direitos sobre a obra, para vender. Eu disse não.

Aí mandei fazer um carimbo escrito assim: "Pertence ao governo federal. Não pode ser vendido". Muitas pessoas se queixaram de que a tinta do carimbo podia manchar. Mas para mim o mais importante é que permaneçam. Senão acaba o museu. E estão acabando com vários museus. Eu tenho sido um cão de guarda do Museu de Imagens do Inconsciente.

Nota da redação: Segundo informações de Ferreira Gullar no livro "Nise da Silveira - Uma psiquiatra rebelde" (ed. Relume Dumará - 1996) "Agora, no governo de Fernando Henrique Cardoso, anuncia-se o golpe de misericórdia no Espaço Nise da Silveira: pretende-se instalar, no prédio da Vigilância Sanitária, uma outra coisa com outro nome. Mediante um convênio entre a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro e o Ministério da Saúde, o Museu Nise da Silveira, que funciona na Colônia Juliano Moreira e onde está o acervo de Artur Bispo do Rosário, será extinto; as obras daquele artista ocuparão o prédio da Vigilância Sanitária que se transformará num museu com o seu nome. Assim, com a extinção do Museu Nise da Silveira, por assim dizer, o governo des-homenageia a mulher que tanto fez pela renovação da psiquiatria brasileira e impede que as obras do MII se tornem acessíveis ao grande público."

"A Casa das Palmeiras é pobre, mas eu não quero convênios. Não aceito coleiras"

COMPORTAMENTO

Turismo sexual atinge crianças

A IMPUNIDADE, A AUSÊNCIA DE POLÍTICAS SOCIAIS E OS APELOS SEXUAIS QUE MOVEM A SOCIEDADE MODERNA SÃO CONSIDERADOS OS PRINCIPAIS FATORES QUE ESTIMULAM MAIS ESSE PROBLEMA BRASILEIRO

Miséria, alcoolismo dos pais, desagregação familiar, agressões físicas e abuso sexual dentro de casa. Esses são componentes conhecidos na origem da prostituição infanto-juvenil no Brasil. E é justamente nesse terreno fértil que está crescendo, vertiginosamente, o chamado turismo sexual. O fenômeno, intenso nas cidades litorâneas, é estimulado por uma verdadeira rede organizada que inclui agências de turismo, hotéis, barraqueiros de praia e caminhoneiros.

Embora notícias esparsas publicadas na grande imprensa informem sobre a prostituição de mulheres adultas voltadas para o turismo sexual, como ocorre, por exemplo, na avenida Atlântica, em Copacabana, no Rio de Janeiro, sabe-se, hoje, que o turismo sexual, no Brasil, volta-se cada vez mais para crianças e adolescentes de ambos os sexos. Não há, por enquanto, pesquisa sobre o número de pessoas prostituídas por esse comércio, mas algumas indicações mostram a gravidade do problema.

No Recife, a Organização Não Governamental (ONG) Coletivo Vida Mulher calcula em três mil o número de meninas prostituídas a cada verão, sendo que uma em cada três prostitutas na capital pernambucana tem menos de 18 anos. A psicóloga Dilma Felizardo, secretária executiva da Campanha Nacional pelo Fim da Exploração, Violência e Turismo Sexual, no Rio Grande do Norte, inclui entre os fatores que conduzem à exploração e ao turismo sexual a impunidade dos aliciadores de menores, a ausência de políticas sociais e os apelos sexuais que movem a sociedade moderna.

Esses apelos estão por toda a parte e são visíveis a olho nu, como observa a assistente social Elisabete Inglesi, ao lembrar que, no Recife, propagandas de turismo mostram meninas como chamariz em outdoors. A desfaçatez da indústria que alimenta o turismo sexual é visível na propaganda turística há

muitos anos. Não é de hoje que o Brasil é apresentado no exterior como um país paradisíaco, onde se pode desfrutar de "sol, praias e mulheres maravilhosas". Há muitos carnavais a propaganda "vende" a beleza da mulata brasileira, atraindo, a cada ano, um número crescente de turistas interessados em algo além do desfile das escolas de samba.

mensão do problema, mas, a exemplo das feministas que sempre denunciaram a prática, surgem movimentos específicos que denunciam e combatem o turismo sexual, como a Campanha Nacional pelo Fim da Violência, Exploração e Turismo Sexual, criada em 1994 e que concentra os esforços de diversas entidades. Antes disso, em 1993, o tema come-

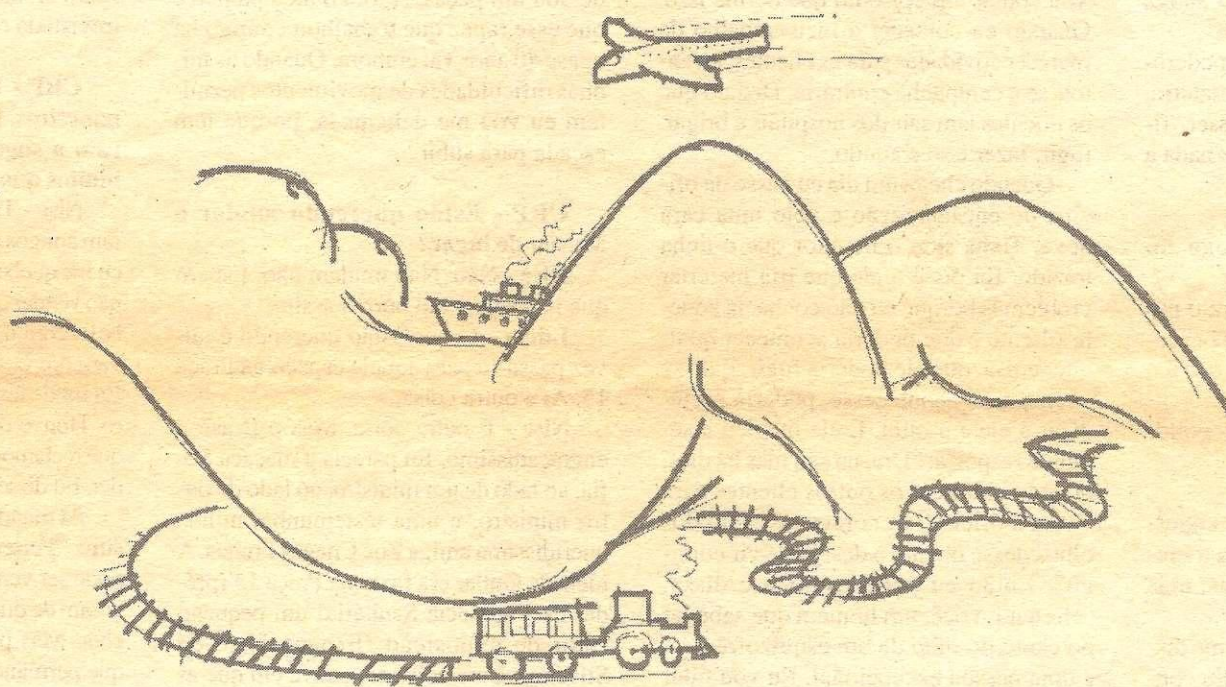
nativos, em geral, é pública. Em Santa Catarina, por exemplo, os anúncios de aliciamento dissimulado são feitos em programas de rádio. A polícia, acusa a CPI, "é responsável, muitas vezes, pela impunidade dos exploradores, com quem é conivente em troca de propinas".

Nas cidades turísticas, segundo apurou a CPI, existem empresas de turismo, atuantes principalmente na Europa, que oferecem pacotes, incluindo passagens, estadia em hotéis e programas com meninas brasileiras. Há denúncias de conivência de autoridades com motoristas de táxi e doleiros. Os principais pólos para o turismo sexual no Brasil, de acordo com o relatório da CPI, são Rio de Janeiro, Recife e Fortaleza.

O maior número de pornoturistas vem da Europa, especialmente da Alemanha, e dos Estados Unidos e são, na maioria, homens com idades entre 30 e 50 anos, de classe operária ou média baixa, que aproveitam as férias para uma temporada de orgia a baixo custo. Há vôos charter lotados apenas com esse tipo de turista. Segundo

a CPI apurou em Pernambuco, estão disponíveis por US\$ 10 mil, na Alemanha, pacotes que incluem uma passagem de vinda ao Brasil e duas de volta, com direito a uma garota e a hospedagem em um hotel de Recife.

Com a passagem extra, o turista pode levar a garota para a Alemanha e, lá, tornar-se, provavelmente, seu próprio explorador sexual. No Recife, os turistas interessados em cooptar garotas para prostituí-las na Alemanha encontram as portas escancaradas. Segundo informação do Coletivo Mulher Vida, de Recife, o sonho das meninas que vivem do sexo-turismo na Praia da Boa Viagem é casar com um turista, de preferência alemão, e levar vida de princesa na Europa. Muitas dessas meninas não são, sequer, alfabetizadas, mas sabem falar alemão.



Nos últimos anos, a indústria do turismo sexual ganhou maior visibilidade e, com isso, veio à tona o avanço surpreendente desse comércio, que não se limita mais à exposição de mulheres adultas como objeto para saciar a fome dos turistas sexuais, mas tem nas crianças e nos adolescentes um objeto sexual cada vez mais valorizado no mercado internacional. O problema é mais acentuado entre crianças e adolescentes de baixa renda, empurrados para a prostituição pela miséria e exclusão social, mas atinge também jovens de classes sociais mais favorecidas, que são levados à prostituição, em geral, para obter drogas ou melhorar padrões de consumo.

Durante anos anestesiada diante da utilização indiscriminada da mulher como objeto sexual, a sociedade brasileira parece ainda não ter noção da di-

ção a ser discutido na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) criada no Congresso Nacional para apurar responsabilidades na exploração e prostituição infanto-juvenil. O relatório final da CPI, publicado em 1995, considera o fenômeno investigado "um choque, um escândalo, um crime". Durante as investigações, os parlamentares descobriram "meninas de rua que se prostituem pelo preço de um sanduíche, jovens de classes abastadas atraídas por pretensas agências de modelos, crianças oferecidas a estrangeiros nos denominados pacotes de pornoturismo.

Ao avaliar a situação, a CPI constatou que "as autoridades não se mostraram adequadamente preocupadas com a análise, o controle e o combate à prostituição infanto-juvenil". A oferta de jovens para diversão sexual de turistas ou

COMPORTAMENTO

Iniciativas de combate ainda são tímidas

Mesmo que a luta contra o turismo sexual venha ganhando novas dimensões no Brasil e no mundo nos últimos dois anos, ainda são tímidos os programas propostos para combater o problema. Em fins de 1995, o Brasil começou a agir para mudar a imagem do País no exterior retirando de seus cartazes e prospectos qualquer imagem de mulheres em trajes sumários. Durante a Conferência Mundial Contra a Exploração Sexual de Menores, realizada em Estocolmo (Suécia), no ano passado, a diretora-adjunta de marketing da Embratur, Ana Karin Quental, anunciou o lançamento de um selo alertando os turistas para a proibição de sexo com menores de idade.

A proposta avançou e, no mês de fevereiro deste ano, a Embratur está lançando uma ampla campanha publicitária em restaurantes, hotéis, aeroportos e agências de viagem de todo o País para combater a exploração sexual de crianças e adolescentes. O slogan da campanha, elaborada em parceria com o Ministério da Justiça, é "Cuidado! O Brasil está de olho. Exploração Sexual Infantil... Denuncie!". Para as denúncias, o número do telefone é: 0800-99 05 00.

Além disso, embaixadas brasileiras no exterior estão encarregadas de identificar agências de viagem que vendam pacotes para turismo sexual e impedir sua operação no Brasil. Estados e municípios que usarem marketing sexual não receberão verbas da Embratur, que elaborou cartilha em parceria com o Ministério da Justiça e a Associação Brasileira de Hotéis, mostrando que o turista sexual é pouco rentável. Ele gasta menos de US\$ 40 por dia, enquanto o turista convencional gasta US\$ 80.

A expansão da exploração sexual de crianças e adolescentes em redes globalizadas, bem como a indústria do sexo, sustentada especialmente pelo sexo-turismo, foi denunciada durante o Seminário Contra a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Américas, realizado em Brasília, no ano passado. O julgamento dos exploradores sexuais de crianças e adolescentes no país da ocorrência e no país de origem do explorador foi uma das recomendações dos participantes desse encontro, que solicitaram a cooperação dos governos de outros países para que esses julgamentos sejam realizados.

No seminário foi proposta ainda a adoção, por todos os países, de leis protetoras e punitivas para eliminar a prática da exploração sexual. A adoção de leis penais extraterritoriais foi incluída no programa de ação proposto no congresso mundial, em Estocolmo. Na oportunidade, representantes de 119 países e de Organizações Não Governamentais, além do Unicef, comprometeram-se a estabelecer uma associação global contra a exploração sexual de crianças e adolescentes, mobilizando, inclusive, a indústria turística para que esta não permita o uso de suas redes e estabelecimentos para exploração sexual de crianças e adolescentes.

No Brasil, o I Encontro Nacional de Parlamentares Integrantes de Comissões de Combate à Prostituição Infanto-Juvenil, realizado em dezembro de 1996 no Rio de Janeiro, aprovou algumas propostas de alteração do Código Penal, entre elas a mudança na classificação dos crimes sexuais, que hoje estão contidos no capítulo referente aos crimes contra os costumes, para o capítulo dos crimes contra a pessoa. O argumento é que, em crimes de estupro ou abuso sexual, a vítima é a pes-

soa, não a sociedade ou a família.

Outra proposta refere-se à ampliação do significado do crime de atentado violento ao pudor, que seria classificado, no Código Penal, junto com o crime de estupro, uma vez que o uso da violência na prática sexual, qualquer que seja a forma, constrange e humilha a vítima. Foram propostas também a troca da palavra "mulher" por "alguém" na classificação das vítimas do crime de estupro e a criação de um novo tipo de crime denominado "abuso sexual", que se traduz por "constranger alguém à prática de atos libidinosos diversos da relação sexual".

A Campanha Nacional pelo Fim da Exploração, Violência e Turismo Sexual contra Crianças e Adolescentes está propondo um anteprojeto de lei para ser aprovado nos municípios brasileiros, que já está em vigor em Porto Alegre. O anteprojeto estabelece penalidades para os estabelecimentos que abrigarem crianças e adolescentes desacompanhados dos pais ou responsáveis. A pena é suspensão do alvará por 30 dias na primeira autuação e cassação se comprovada a prática de violência ou exploração de menores ou se houver uma segunda autuação.

Quando os príncipes viram sapos

O sonho das meninas brasileiras que sobrevivem do turismo sexual nas cidades litorâneas, em geral, vira pesadelo quando elas se vêem em terra estrangeira e o imaginado príncipe encantado transforma-se em algoz. A maioria, em vez de tornar-se dona da casa que esperava encontrar, é utilizada como empregada doméstica, servindo ainda aos apetites sexuais do patrão. A visibilidade alcançada pela problemática do turismo sexual nos últimos anos ainda não conta com estudos aprofundados à luz da psicologia, mas algumas observações vêm sendo feitas por estudiosos.

A professora Ana Maria Lehmann abordou o tema em sua tese de mestrado apresentada na Universidade Federal de Pernambuco, entrevistando exclusivamente turistas alemães e meninas prostituídas de baixa renda. Ela observou que esses turistas tratam as meninas como souvenir, uma lembrança

que podem levar para casa. Diante da preferência por garotas negras ou mulatas, que sofrem forte preconceito na Alemanha, o psicanalista Zeferino Rocha supõe a existência de um provável sentimento de culpa em oposição ao arianismo que marcou a cultura alemã no Terceiro Reich.

Na pesquisa realizada há dois anos, Ana Maria Lehmann observou que os turistas alemães são oriundos das classes médias baixas na Alemanha. São açougueiros e padeiros, por exemplo, pessoas com baixo nível cultural que vivem um momento excepcional nas férias, dando-se o direito de transgredir, de quebrar regras e tabus que talvez não quebrassem em sua própria sociedade. Segundo observação da psicóloga Dilma Felizardo, que atende meninas em situação de risco em Natal, esses turistas têm distúrbios afetivos e sexuais e, não raro, têm pro-

blemas de alcoolismo.

Quanto às meninas, a experiência mostrou a Dilma que elas têm um perfil psicossocial consolidado na opressão, dominação e submissão com danos irreparáveis na estrutura de personalidade e na saúde mental. Elas apresentam distúrbios nas capacidades cognitivas primárias (inteligência) e secundárias (concentração, memória e flexibilidade intelectual). A falta de confiança nos outros, a ausência de mecanismos para resolução de conflitos e a reduzida capacidade de frustração são características da personalidade dessas meninas, segundo a psicóloga.

Com níveis de socialização deficientes ou diferentes no que se refere à absorção de valores morais, sociais, humanos e éticos, essas meninas costumam desenvolver formas de comunicação violentas, aprendem cedo a competir de forma desumana e são compulsivas nas atitu-

des. No quadro clínico, Dilma constatou, nas meninas, sintomas vegetativos e psicossomáticos, tais como cansaço frequente, nervosismo, apatia, dores de cabeça, perturbações do sono e gastrites nervosas. Foram observados ainda sintomas neuróticos e psicóticos.

As meninas que são levadas, pela exclusão social, ao turismo sexual, muito cedo são obrigadas a lidar com questões de adultos. As circunstâncias acabam levando-as à gravidez precoce, ao aborto e às doenças sexualmente transmissíveis, o que reduz sua capacidade de conceber projetos para o futuro, conclui Dilma, mostrando que o caminho está na recuperação da autoconfiança, que possibilite à menina manter um controle sobre sua própria vida. Para isso, entretanto, é necessário superar as conseqüências deixadas pela violência sofrida no desenvolvimento da personalidade.

ÉTICA

Um grito pela dignidade e pela qualidade

Em seu primeiro livro sobre a metafísica, o filósofo Aristóteles dizia que o homem já havia descoberto tudo o que se podia imaginar para tornar sua vida mais cômoda. Ledo engano. Nos últimos 50 anos o mundo evoluiu, do ponto de vista científico e tecnológico, mais do que em toda a sua história. Neste final de milênio a humanidade está contabilizando as glórias de ter pisado na lua, achado água em marte, descoberto a engenharia genética e mapeado o DNA, para falar apenas de alguns avanços. Mas tem motivos de sobra para se envergonhar: matou milhares de pessoas vítimas das bombas atômicas, assistiu às pesquisas genéticas de Hitler e não conseguiu transformar toda a tecnologia que criou em instrumentos em favor da dignidade e do respeito à vida humana.

Foi para responder a essas contradições que surgiu, na década de 70, nos Estados Unidos, a bioética, definida por seus adeptos como um movimento cultural que estuda a ética a partir das novas situações relacionadas com a vida e a morte das pessoas, depois que a ciência e a tecnologia expandiram seus limites de maneira antes inimaginável. “As infinitas possibilidades tecnológicas e científicas trouxeram a necessidade de fazermos uma revisão e adaptação de muitos dos conceitos morais que as sociedades humanas seguiam. Os códigos éticos também passaram a exigir transformações e, por consequência, é necessário atualizar a ordem jurídica frente a todo esse novo contexto”, explica Volnei Garrafa, professor de bioética na Universidade de Brasília.

O fato é que o intrincado e por vezes obscuro mundo moderno já não permite que as discussões limitem-se a embates maniqueístas en-

tre o bem e o mal, o certo e o errado. Nunca se falou tanto em ética, moral, valorização e respeito pela dignidade da vida humana. Na avaliação do especialista em bioética Leocir Pessini, padre da Igreja Católica e vice-diretor geral das Faculdades Integradas São Camilo, em São Paulo, “a ética se torna importantíssima neste final de milênio porque vivemos uma crise profunda do sentido da vida, de esperança e de valorização do ser humano. Então é justamente no momento de maior falta, por necessidade, que nós temos que falar”.

Da fronteira ao cotidiano

Há alguns anos, falar em ética significava discutir o Código de Ética de cada profissão. Era assunto ligado ao que deveria ou não ser permitido a partir das normas específicas para as várias situações que cada profissional deve enfrentar no decorrer de sua prática. A bioética veio modificar essa perspectiva, mostrando as implicações éticas de questões até então tratadas somente no âmbito científico ou tecnológico.

Segundo os especialistas no assunto, de seu surgimento até hoje, a bioética passou por três fases distintas, estando hoje ingressando em seu quarto estágio. Em sua primeira fase, no início da década de 70, os protagonistas entendiam-na no sentido mais amplo do termo “ecológico”. O termo foi cunhado por Van Rensselaer Potter, na Universidade de Wisconsin. Mais tarde, com a influência do Instituto Kennedy em Washington, ficou mais entendida no sentido da ética biomédica. É a fase da chamada ética clínica. Ou ética profissional estritamente centrada na área médica. A segunda fase amplia esse entendimento para tocar também na questão do relaciona-

mento médico/paciente, a chamada relação clínica. Surge o questionamento do medicocentrismo autoritário, em que o médico tem a verdade e o paciente recebe a verdade. Começa-se a discutir os direitos do doente. Nessa fase surgem os processos de erro médico. A terceira fase amplia essa visão e introduz questionamentos quanto aos sistemas de saúde, financiamento e investimentos no setor. Até que, nos dias atuais, a discussão ingressou em sua quarta fase, que procura visualizar a “saúde” da população no sentido mais amplo possível. Assim, surgem as discussões em torno da alocação de recursos escassos, o que priorizar, a ética ecológica, os direitos humanos e a justiça social.

Mas, enquanto nos países de Primeiro Mundo discute-se o direito à reprodução pelo processo de clonagem, o Brasil continua às voltas com a fome, a exclusão social, o abandono, a mortalidade infantil etc. Tal contradição fez com que os protagonistas das discussões propusessem que países como o nosso criem seus próprios paradigmas. “Na América do sul discutimos muito isso. No Primeiro Mundo temos uma bioética de fronteira e aqui temos uma bioética cotidiana. Lá eles se dão ao luxo de ter clínicas de reprodução assistida, bebê de proveta etc. Aqui temos o menor abandonado na rua, mas também temos o bebê de proveta. O que significa diminuir mortalidade infantil lá? Provavelmente fazer aconselhamento médico.

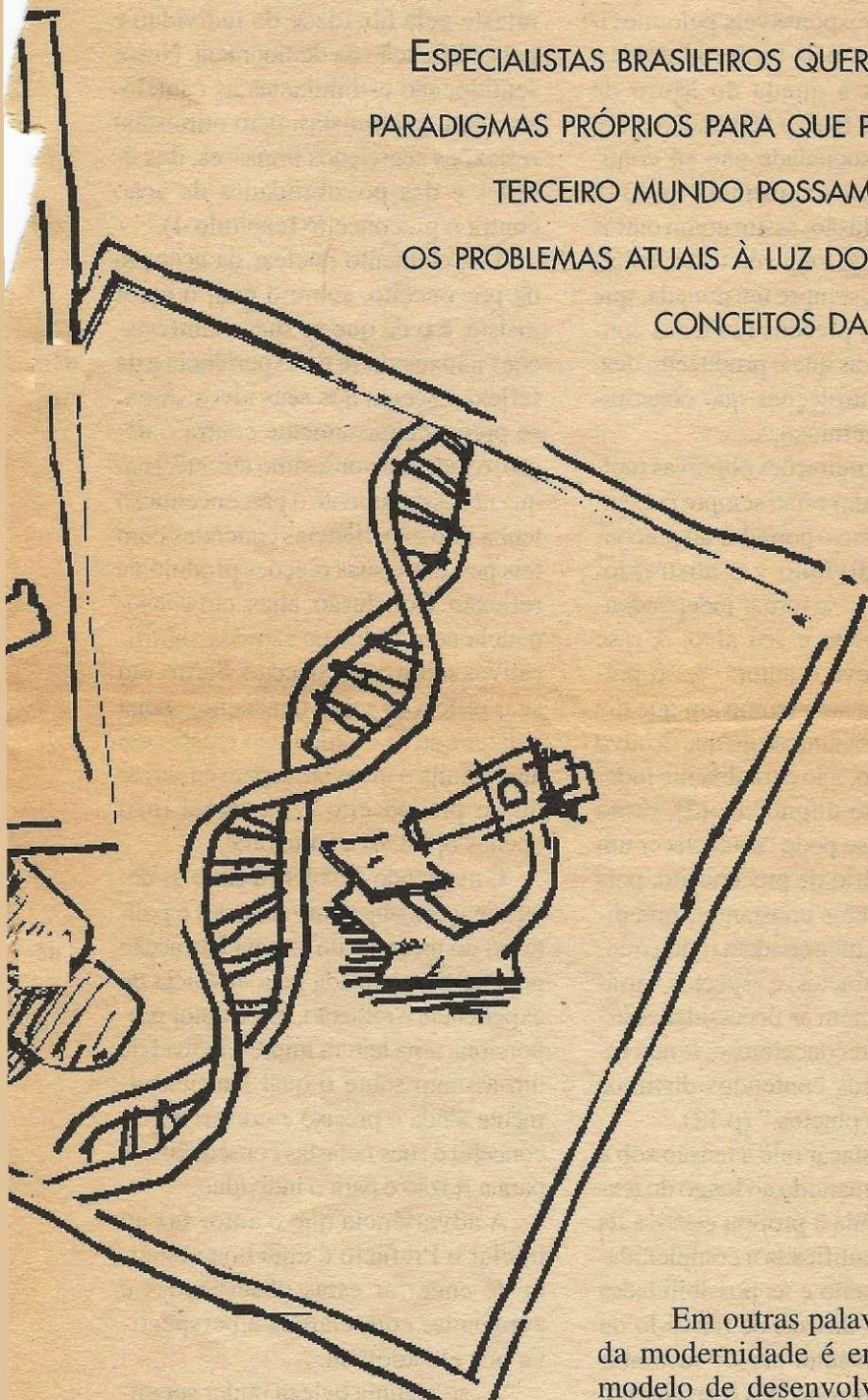


Eu acho que aqui nós temos que criar paradigmas próprios para entender a bioética”, defende Pessini.

Portanto, a desigualdade social, a exclusão, a fome, o abandono, para citar apenas alguns dos problemas com que os países periféricos ainda lidam no dia-a-dia, não estão de fora da discussão.

Ignorância humana doade de vida

ESPECIALISTAS BRASILEIROS QUEREM CRIAR
PARADIGMAS PRÓPRIOS PARA QUE PAÍSES DO
TERCEIRO MUNDO POSSAM DISCUTIR
OS PROBLEMAS ATUAIS À LUZ DOS NOVOS
CONCEITOS DA BIOÉTICA



E um dos caminhos apontados para sua superação é justamente a discussão a partir desses parâmetros que também são chamados de ética da responsabilidade ou ética da solidariedade. "Acredito que a bioética possa ser um instrumento de avanço na luta pela construção da cidadania", defende Garrafa.

Em outras palavras, a tarefa da modernidade é encontrar um modelo de desenvolvimento que concilie progresso com compromisso social, como diz Garrafa, citando Hans Küng, um dos teóricos da bioética: "Devemos avançar de uma ciência eticamente livre para outra eticamente responsável; de uma tecnocracia que domina o homem para uma tecnologia que esteja a serviço do próprio homem; ... de uma demo-

cracia jurídico-formal para uma democracia real que concilie liberdade e justiça". Opinião semelhante é defendida pela psicóloga Myriam Augusto da Silva Vilarinho, professora de ética na Universidade São Marcos, para quem não se pode entender essa discussão como uma tentativa de conter o desenvolvimento da ciência. "Eu não considero que seja uma questão de barrar o desenvolvimento, mas de nos perguntarmos como vamos usá-lo. Portanto é uma questão que está relacionada com princípios, mas também com criatividade. E também não é uma questão de aplicação automática de princípios. Hitler fez pesquisas que ele justificava a partir de seus próprios princípios. É importante, portanto, a discussão socializada, que é criativa e emerge de valores universais."

Citando como exemplo as discussões travadas recentemente no Brasil em torno de normas para realização de pesquisas que envolvam o ser humano, das quais participou em Brasília (que resultaram na elaboração da Resolução nº 196, publicada no Diário Oficial da União de 16 de outubro de 1996), Myriam defende a tese de que a psicologia não pode estar fora dessa busca de novos parâmetros. "A bioética contribuiu muito nessa discussão da pesquisa envolvendo sujeitos humanos. O assunto sempre foi tratado mais do ponto de vista médico e tem uma série de razões para isso. A medicina é uma

ciência mais antiga do que a psicologia. Além disso, muitos questionamentos nos dias de hoje são feitos à medicina, como na questão dos transplantes, da morte cerebral, a volta à velha questão da eutanásia."

Contudo, as discussões modernas já não permitem confundir saúde com ausência de enfermidades e a própria OMS já a define como "um estado de bem-estar físico, mental e social". Essa é, de acordo com Garrafa, justamente uma das inovações apontadas para a bioética. "Esse aspecto da multidisciplinariedade é fundamental para o debate. O mito da neutralidade da ciência já foi sepultado e a bioética requer abordagens pluralísticas das quais participem, além das especialidades médicas e biológicas, também o direito, a filosofia, a teologia, a economia, a antropologia, a psicologia e várias outras áreas de saber."

Para Rosalice Lopes, presidente da Comissão de Ética do CRP, esse é um aspecto fundamental para que se avancem nas discussões. Ou seja, é necessário superar a cisão entre as várias práticas e ciências que levaram a conhecimentos fragmentados e isolados. "A proposta da bioética é de integração, inclusive de diferentes áreas de conhecimento. Assim, a questão do humano se torna muito mais abrangente, criando-se possibilidades de viabilizar uma proposta de integração biopsicossocial", finaliza a psicóloga.

**PARA DISCUTIR MAIS PROFUNDAMENTE A
QUESTÃO DA BIOÉTICA, O CRP ESTÁ
PROGRAMANDO UM EVENTO QUE DEVERÁ SER
REALIZADO AINDA NESTE SEMESTRE.
FIQUE ATENTO E PARTICIPE!**

RESENHA**LIVROS**

Preconceito: indivíduo e cultura

CROCHIK, José Leon.**Preconceito: indivíduo e cultura. 2ª, São Paulo, Robe, 1997, 152pp.**

O preconceito não tem limites, seja em relação ao que converte em seu objeto, seja em relação às conseqüências invariavelmente violentas que acarreta àqueles que o sofrem.

Pode incidir sobre grupos sociais (étnicos, raciais, religiosos, políticos etc.) ou sobre segmentos sociais (a criança, o jovem, o velho, a mulher, o pobre, o deficiente, o desempregado, o fumante e o não fumante etc.); a lista seria infundável!

As conseqüências vão das agressões verbais e físicas às exclusões sociais de variado tipo e ao extermínio, tal como ocorreu com os judeus durante o nazismo declarado.

A observação atenta das sociedades atuais leva-nos, inevitavelmente, a concluir que elas não somente não conseguem refrear o preconceito, como este amplia-se em escala que põe em risco a própria sociedade e o indivíduo.

Esses comentários são suficientes para poder dizer que o livro *Preconceito: indivíduo e cultura*, de autoria do professor Leon, publicado em 2ª edição, desfaz quaisquer dúvidas que se pudesse ter quanto à importância de atualizar o debate acerca do tema.

Desde o rigor com que é tratado o próprio conceito de preconceito (capítulo 1), passando pelas preciosas análises acerca de como é constituída a predisposição do indivíduo para o preconceito (capítulo 2) e das relações entre preconceito e cultura (capítulo 3) e culminando com possíveis, desejáveis e inadiáveis ações que devem ser adotadas contra o preconceito (capítulo 4) - em que pese os obstáculos cada vez mais crescentes interpostos pela sociedade de classes -, o autor brinda-nos com um excelente exercício de reflexão científica e política.

Ciente das armadilhas do tema, visto que analisar o preconceito é uma tarefa nada fácil, seja pela sua complexidade, seja porque implica refletir sobre nós mesmos, o autor consegue evidenciar para o leitor que as

manifestações preconceituosas estão longe de serem abolidas; contrariando assim aqueles que vêem o preconceito como um fenômeno residual em nossa sociedade; ou seja, o estudo do professor Leon é um antídoto contra a ideologia.

É certo que a fecundidade do estudo do professor Leon decorre da atualização primorosa que ele faz da teoria crítica da sociedade - particularmente das obras de Theodor Adorno e Max Horkheimer -, da adequada recorrência a textos de Freud, do consistente acervo bibliográfico consultado e da recuperação contextualizada da clássica investigação empírica sobre a Personalidade Autoritária, coordenada por Adorno, realizada nos Estados Unidos, na década de 40.

Aliás, a recorrência aos resultados de pesquisas sobre o preconceito, realizadas em épocas pretéritas e em contextos distintos, traz à tona uma importante questão do método empregado pelo autor: se, como ele escreve, "o preconceito tem acompanhado de diversas formas a transformação da cultura" (p. 101), ou ainda, "se cada vez fica mais visível que os sacrifícios não são compensados, maior é a necessidade da coerção sobre o indivíduo para que ele os realize..." (p. 103), é de se indagar porque o autor não optou pela realização de uma investigação empírica que obtivesse as manifestações atuais do preconceito? As pesquisas a que recorreu não são ultrapassadas?

A leitura do texto permite, inequivocamente, responder a essas indagações: como expressão da cultura que fixou as relações de dominação de uns sobre os outros, o preconceito não pode ser eliminado ou minimizado se não forem alteradas aquelas determinações que o germinam e fazem-no proliferar.

Como a cultura e sua expressão que organiza a vida dos homens - a sociedade - permanecem pautadas pelas relações de dominação e de exploração de uns sobre os outros, o preconceito, que também reflete a dominação, não poderia ter arrefecido. Por isso, as análises produzidas pelos autores da Escola de Frankfurt e a

multiplicidade de situações exemplares atuais permitem ao professor Leon concluir que "... as condições objetivas que Adorno e Horkheimer apontaram como responsáveis pelo movimento faxista não foram alteradas, mesmo após a queda do Muro de Berlim. E, de fato, a separação entre indivíduo e sociedade não só continua, como tende a aumentar." (p. 134).

Essa conclusão, assim como outras apresentadas ao longo do texto, emerge da análise, sempre tensionada, que o autor faz do preconceito e das condições objetivas que o produzem, destas com as introyções que constituem o preconceituoso.

Se as determinações objetivas (cultura e sociedade) estão sempre presentes, nem por isso o portador do preconceito - o indivíduo - é abstraído; tampouco pode-se tornar independentes o preconceito e seu alvo. A esse respeito, escreve o autor: "... o preconceito ao mesmo tempo em que diz mais do preconceituoso do que do alvo do preconceito, não é totalmente independente deste último" (p.12), razão pela qual não se pode "estabelecer um conceito unitário de preconceito, pois este tem aspectos constantes, que dizem respeito a uma conduta rígida frente a diversos objetos, e aspectos variáveis, que remetem as necessidades específicas do preconceituoso, sendo representadas nos conteúdos distintos atribuídos aos objetos." (p.12).

É de se destacar que a tensão sob a qual o leitor é mantido ao longo do texto está vinculada à própria estética da exposição: identificada a complexidade do preconceito e as possibilidades cada vez mais difíceis de refreá-lo ou minimizá-lo, o autor parece sucumbir ao objeto (o preconceito) e revelar um profundo pessimismo (cf., por exemplo, pp. 133 e segts.). Entretanto, a leitura cabal leva o leitor a conclusão oposta: as dificuldades encontradas para tratar adequadamente e minimizar o preconceito decorrem do embrutecimento e da rigidez do próprio objeto; entendimento que somente foi possível de ser alcançado porque o autor nem sucumbiu ao objeto, nem

teceu discursos fáceis sobre ele.

Assim como a análise apresentada pelo professor Leon é um antídoto contra a ideologia é também um manifesto pela liberdade do indivíduo e pela edificação da democracia. Nesse sentido, são estimulantes as cautelosas (nem pessimistas, nem otimistas) reflexões acerca dos impasses, dos limites e das possibilidades de ação contra o preconceito (capítulo 4).

Um elemento nuclear da aceção de preconceito, sobre o qual o autor insiste, é o de que as suas manifestações não resultam da experiência e da reflexão acerca dos seus alvos. Atua-se preconceituosamente contra o negro, o judeu, o nordestino etc. etc. sem que necessariamente o preconceituoso tenha tido experiências concretas com tais pessoas e suas reações produto da reflexão. Conclusão, aliás, em consonância com todos os estudos significativos sobre o preconceito. Sartre, em suas *reflexões sobre o racismo*, chega a dizer que se o judeu não existisse o anti-semita o inventaria, para enfatizar que o preconceito é passional (não apenas opinião) e irracional.

É mantendo a dialética entre as determinações objetivas (culturais e políticas) do preconceito e a sua introyção pelo sujeito, pautada pela ausência de experiência e reflexão, que o autor proporciona uma leitura imprescindível de um assunto sobre o qual lamentavelmente ainda é preciso escrever: o preconceito e suas nefastas conseqüências para a Razão e para o indivíduo.

A advertência que o autor faz ao iniciar o Prefácio é uma boa maneira de encerrar estas observações e evidenciar com clareza a perspectiva por ele adotada.

"... se alguma beleza puder ser encontrada neste texto, não é aquela expressada pelo sofrimento, pois este nunca é belo, mas aquela que aponta para a esperança de, ao menos, minimizá-lo."

* *Resenha elaborada por Odair Sass - Doutor em Psicologia Social da UNESP e da PUC-SP*

POSSE

Nova gestão assume CFP em Brasília

A nova Gestão do CFP, "Um Conselho para cuidar da profissão" tomou posse no dia 1 de fevereiro em Brasília. A chapa, eleita na consulta eleitoral realizada em novembro do ano passado, ficará à frente do CFP por dois anos, conforme deliberação dos Congressos da Psicologia. A nova gestão do CFP foi homologada pela Assembléia das Políticas Administrativas e Financeiras (Apaf) formada por membros de todos os Conselhos Regionais.

A posse da nova gestão deveria ter ocorrido em dezembro do ano passado, mas ficou adiada até o início deste ano para que as denúncias feitas pelas duas chapas concorrentes ao pleito durante o período da campanha pudessem ser apuradas. Para isso foi nomeada uma Comis-

são de Investigação composta por três membros indicados e referendados pela Assembléia de Delegados, um membro da Comissão Nacional Eleitoral e um auditor.

Segundo informações do delegado do CRP-06, Sérgio Braghini, nenhuma das denúncias feitas em relação à Sexta Região foi comprovada pela Comissão. A chapa "Um conselho para cuidar da profissão" havia feito denúncias à Comissão Eleitoral de que o CRP-06 e o Jornal do CRP estariam favorecendo a concorrente "Consolidação Nacional". Por seu turno, a chapa "Consolidação Nacional" havia argüido o CRP-06 alegando que a chapa 2 não havia discriminado os cargos de cada um de seus membros, em publicação do CRP-06, conforme manda o estatuto eleitoral.

AGENDA

PSICANÁLISE - O Campo Freudiano realiza, de 18 a 20 de abril, seu VII encontro brasileiro. O evento acontece no Sheraton Mofarrej Hotel, em São Paulo, com o tema geral "As Novas Formas do Sintoma - Clínica, Ciência e Sociedade".

Serão abordadas questões como: Novas formas do sintoma nas estruturas clínicas, Novas formas do sintoma na entrada e final de análise, Novas formas do sintoma na confluência da psicanálise, medicina e psiquiatria, Novas formas do sintoma, o analista e a cidade do ano 2000. Também será apresentado o seminário Novas formas do sintoma e o fantasma por Jacques Alain Miller. Maiores informações na secretaria do evento pelo telefone (011) 864-8971.

PSICOLOGIA JURÍDICA - A Associação Ibero-Americana de Psicologia Jurídica realiza, de 8 a 11 de abril, em Havana (Cuba), seu II Congresso. Serão apresentados temas como: A psicologia jurídica como disciplina científica, A psicologia jurídica como profissão, Vitimologia, Tratamentos penitenciários e modelos de intervenção, Menores e família - a questão da Vio-

lência e do psicólogo judiciário como apoio ao Tribunal, Peritagens psicológicas forenses relacionadas com a credibilidade e a confiabilidade das testemunhas, Desenvolvimento social e criminal. Os interessados em participar podem obter informações com Fátima França no Sindicato dos Psicólogos, pelos tels.: (011) 852-4929 ou (011) 3064-2310.

PSICOLOGIA EM CARDIOLOGIA - O departamento de psicologia em cardiologia da Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo realiza, nos dias 16 e 17 de maio, em Campos do Jordão, o XIII Simpósio de Cardiologia em Psicologia. O evento ocorre em paralelo ao XVIII Congresso da Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo. A programação dos eventos consta de palestras, mesas-redondas, conferências, debates e um espaço de temas livres para que profissionais da área possam apresentar seus trabalhos. Maiores informações pelos tels.: (011) 289-7610 ou 287-9728 na Socesp ou pelo tel.: (017) 224-0507 na Ascon. Também poderão ser obtidas pelos faxes.: (011) 284-4610 ou (017) 224-4681.

ACONTECEU

ASSIS

- I Jornada de Psicologia, realizada pelo departamento de psicologia experimental e do trabalho Unesp, no dia 22 de outubro do ano passado. O evento contou com a participação do Conselho Regional de Psicologia, que organizou a mesa redonda "Consolidando a profissão: diretrizes do II Congresso Nacional de Psicologia", composta pelos conselheiros Dayse Cesar F. Bernardi, Helena M. C. Hirye e Cristina Amélia Luzio, com a coordenação do membro da comissão gestora, Edgar Rodrigues.
- Também no dia 22 de outubro a subsede realizou reunião entre conselheiros do CRP, membros da comissão gestora da subsede de Assis e psicólogos do judiciário e

de unidades de saúde pública, em que foram discutidas as demandas do Poder Judiciário e da Saúde Pública.

- No dia 29 de janeiro o Sindicato dos Psicólogos reuniu-se com o Sindicato dos Funcionários Municipais e com a secretária de saúde de Cândido Motta, para dar continuidade às negociações de Piso salarial e carga horária dos psicólogos naquele município. Em Assis, o Sindicato fez encontro com os psicólogos da Prefeitura, discutindo estratégias de luta pelo piso salarial e carga horária. Concluiu-se pela busca de apoio dos psicólogos coordenadores de unidades, de outras entidades e áreas profissionais.

BAURU

- Em 23 de janeiro houve reunião do Conselho Municipal de Saúde com a participação do CRP-06 através da subsede, para escolha de representantes das categorias profissionais de nível universitário junto ao Conselho. Foi eleita a coordenadora da subsede de Bauru, Ana Maria Basílio.

SANTOS

- Inauguração da nova subsede. Na ocasião houve uma homenagem ao professor Celso Manço, da faculdade de psicologia da Universidade de Santos.

SANTO ANDRÉ

- A subsede de Santo André está promovendo desde o dia 23 de janeiro reuniões sobre Saúde e Educação. Os debates terão prosseguimento, sendo que a próxima reunião será no dia 20 de fevereiro, às 20 horas, na subsede, à R. Luiz Pinto Flaquer, 523, 6º andar, sala 61 tel.: (011) 444-4000.
- No dia 30 de janeiro, Dia Internacional de Luta contra a Violência, o "Reage Grande ABC, movimento aberto pela paz", lançou a campanha "Desarme-se, com previsão de duração de três meses. O movimento conta com participação da Subsede de Santo André.

EXERCÍCIO PROFISSIONAL

CFP propõe mudanças na tabela do SIA/SUS

O Conselho Federal de Psicologia propôs ao Ministério da Saúde, no final do ano passado, a criação de um grupo específico para as atividades dos psicólogos, na tabela do SIA/SUS, que determina os procedimentos de pagamento a profissionais que prestam serviços em hospitais. A proposta foi encaminhada através de documento oficial à Secretaria de Assistência à Saúde (SAS), em que o CFP argumenta que "o significativo incremento das atividades destes profissionais psicólogos em hospital exige hoje uma revisão dos critérios e especificações dos procedimentos realizados principalmente no campo da psicologia.

Segundo informações da ex-conselheira Claire Lazzaretti, uma das autoras do documento, a tabela hoje em vigor inclui o psicólogo nos códigos: 031-0, referente a atos executados por profissional de saúde de nível superior, 036-1, que inclui profissionais que trabalham com educação em saúde e atendimento em grupo, 038-8, que refe-

re-se ao atendimentos em grupo executado por profissional de nível superior, 039-6, para enquadrar os profissionais que realizam visita domiciliar por profissional de nível superior e no código 650-5, referente aos que realizam psicodiagnóstico. "No entanto, nos últimos anos aumentou muito o número de psicólogos trabalhando em hospitais gerais, tanto em atendimento aos pacientes internados quanto em ambulatórios e entendemos que é necessário criar um grupo específico para a Psicologia," disse a psicóloga. Citando como exemplos o trabalho de psicodiagnóstico e consulta clínica psicológica, Claire lembrou que a própria definição de saúde da OMS datada de 1947 afirma que "a saúde é um estado de bem estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade", o que evidencia que os serviços psicológicos tem também um caráter de profilaxia, e não limitam-se aos setores secundário e terciário. No mesmo documento o

CFP lembra ao Ministério da Saúde que como em muitas situações de doença orgânica encontram-se preservadas as funções psíquicas, a consequência disso é o incremento do estado de angústia já presente pela situação de internação, que pode tornar-se intolerável.

Por isso a proposta do CFP sugere a criação do grupo com os seguintes serviços: psicodiagnóstico, consulta clínica psicológica, psicoterapia de grupo, psicoterapia familiar, grupos psicoprofiláticos, consulta psicológica domiciliar e orientação e acompanhamento psicológico.

A proposta inclui também a exigência de pagamento discriminado aos procedimentos específicos do psicólogo com pacientes internados em hospitais gerais, hospitais psiquiátricos e usuários de serviços ambulatoriais. "Hoje o psicólogo faz vários atendimentos que não revertem para a instituição, porque recebemos pelo percentual total e não por procedimentos próprios", esclareceu Claire.

Sobre essa questão o documento enviado pelo CFP afirma que "o trabalho realizado durante a internação não é remunerado, situação que beira o dramático, pois a guia de internação só contempla o pagamento de ato médico. Mas o paciente é avaliado e atendido por psicólogo durante todo o seu internamento, pelo número de vezes que é necessário, como eventualidade na clínica geral ou como praxe em casos mais específicos de patologias graves, como portadores de HIV, transplantados ou oncológicos".

A psicóloga informou ainda que se o projeto for aprovado as mudanças trarão benefícios também para a categoria. Isso porque a tabela do SUS é usada como uma referência nacional para pagamento de honorários e caso o serviço psicológico passe a ter tratamento discriminado, o mesmo tratamento poderá ser estendido aos convênios. O projeto encontra-se na SAS e sua aprovação depende de negociações políticas.

Informes publicitários

○ **CESIR** - Núcleo Romain-Thiers Ltda. deseja promover grupos de formação em Sociopsicomotricidade Romain-Thiers nas cidades de Franca, Baurú, Mogi das Cruzes, Piracicaba, Jundiá, São José do Rio Preto, Sorocaba, Santos, São José dos Campos, Riberão Preto e outras.

Procuramos profissionais interessados em assumir a responsabilidade de coordenar grupos em cada uma das cidades acima.

Enviar curriculum Vitae para CESIR, Rua Conde de Bonfim, 44 - sala 1202
Rio de Janeiro - RJ - 20.520-053 CRPPJ 05/0177

ATENÇÃO

Ex-alunos Curso Reich do SEDES
O Depto. Reichiano está programando cursos, debates, seminários e uma releitura de Reich para o ano de 97.

Receba a programação e faça parte da nossa maladireta enviando seus dados para Comissão Organizadora tel/fax: 5581-0507 e 813-2261

Estão abertas as inscrições para o curso de especialização no método de Rorschach.

Inscrições à rua Itapeva nº 490
7º andar, conjunto 74 - tel: 289-2067
das 17:00 às 21:00 horas

CURSOS 1997

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISA EM PSICANÁLISE

INSCRIÇÕES ABERTAS PARA OS CURSOS DE:

Observação Mãe-Bebê

Duração: 1 ano
Carga Horária: 90 minutos/aula semanais
Público: alunos de Psicologia (a partir do 8º semestre) e profissionais da área de Saúde Mental e Educação

Discussão de Situação de Trabalho

Duração: 1 ano
Carga Horária: 90 minutos/hora semanais
Público: alunos de Psicologia (a partir do 8º semestre) e profissionais desenvolvendo

atividades em instituições

Especialização em Psicanálise

Duração: 3 anos
Carga Horária: 6 horas/aula semanais

Público: psicólogos e médicos

Extensão Universitária em Psicanálise

Duração: 10 semanas
Carga Horária: 3 horas/aula semanais
Público: alunos de Psicologia (a partir do 8º semestre)

Informações: (011) 6914-4488 ramal 2045

Rua Clóvis Bueno de Azevedo, 176 - Ipiranga - São Paulo - Fax: (011) 63-5963
E-mail: psicanal@server.smarcos.br

PESQUISA

Psicólogos já têm valores de referência nacional de honorários

A gestão Consolidação Nacional do Conselho Federal de Psicologia entregou à categoria, ao final de seu mandato, o resultado de pesquisa que obteve os valores de referência nacional de honorários dos psicólogos. Esta é a primeira vez que se realiza um trabalho para estabelecer valores nacionais de referência, tornando-os públicos. As iniciativas anteriores eram realizadas apenas em alguns Estados isoladamente e tratavam somente de valores regionais. Daí a importância atribuída ao trabalho. De acordo com informações do coordenador da pesquisa, Odair Sass, todas as categorias profissionais foram consideradas e agrupadas de acordo com a classificação da Lei 4.119/62. Os valores encontrados também estão pautados na Lei 4.119. "De um lado, o formulário utilizado como base foi pautado na lei e, de outro, procura consubstanciar a lei, atua-

lizando-a de acordo com as modificações que a profissão veio sofrendo ao longo do tempo", explicou Sass. Os vários campos de atuação do psicólogo que não existiam quando da elaboração da Lei foram, portanto, contemplados, já que o texto não impedia sua inclusão.

Ainda de acordo com Sass, a pesquisa, realizada em conjunto pelo CFP, CRPs, Fenapsi e sindicatos, abre a perspectiva de que os preços cobrados pelos serviços psicológicos em todo o País passem a ter coerência, equiparando-se os valores regionais. Sass informou também que os valores referenciais criam novas condições para que os sindicatos negociem segundo critérios consistentes e seguros. "Mas é importante esclarecer que os resultados obtidos servem como referência para o profissional. Eles não se destinam a servir como tabela de honorários e a ser seguidos como tal", adverte o psicólogo.

PROJETO

A realização da pesquisa era uma antiga reivindicação da categoria. Em 1993, o Conselho Federal e a Fenapsi decidiram realizá-la. No entanto, quando a gestão Consolidação Nacional assumiu o CFP concluiu pela necessidade de redefinir o projeto e o planejamento das ações. Segundo Sass, houve um redimensionamento do projeto quanto aos seus objetivos, planos de amostragem e instrumento. A primeira modificação foi a redução dos objetivos e concentração de esforços na obtenção de dados referentes aos serviços do setor privado. Apesar de o projeto original pretender realizar um levantamento que abrangesse também o setor público de atuação, os coordenadores do trabalho consideraram que tal medida seria inócua, uma vez que os profissionais contratados por esses serviços não recebem honorários e sim salários fixos. "Isso

teria pouco a dizer numa pesquisa de valores referenciais, além de encarecer os custos do trabalho", disse Sass. Além disso, adaptou-se também a amostragem. Inicialmente a pesquisa seria realizada com uma amostragem de 8 mil psicólogos, o que criaria dificuldades desnecessárias no momento da tabulação dos dados.

Segundo Sass, todas as regiões do País foram contempladas na pesquisa e os valores apresentados são representativos do que o psicólogo cobra por seus serviços. Citando como exemplo a atuação psicológica nos convênios, Sass explicou ainda que a pesquisa permitirá ao psicólogo ter uma visão precisa da situação real dos profissionais nesse setor. "Dessa forma, com um trabalho científico consistente, podemos ter uma visão bastante completa da situação da psicologia, de Norte a Sul do Brasil. Daí a opção das entidades em não publicar valores regionais isolados", completou.

Valores de referência nacional de honorários dos psicólogos, em Real

	Limite Inferior	Média	Limite Superior
DIAGNÓSTICO PSICOLÓGICO			
Consulta psicológica	38,47	57,50	65,96
Anamnese	38,47	55,70	65,96
Elaboração de perfil profissiográfico	32,98	56,80	76,95
Avaliação de desempenho escolar e aprendizagem	32,98	56,98	65,96
Avaliação psicológica	43,97	54,96	72,00
Avaliação das características psicológicas dos esportistas	38,47	57,90	71,45
Avaliação de prontidão para alfabetização	38,47	57,47	71,45
Avaliação do nível intelectual	32,98	58,43	65,96
Avaliação psicomotora	32,98	57,34	65,96
Avaliação psicomotora relacionada ao grafismo	32,98	56,77	65,96
Avaliação das características da personalidade	32,98	62,02	68,15
Avaliação da estrutura e dinâmica da personalidade	38,47	64,36	72,55
Entrevista devolutiva	38,47	55,41	65,96
Observação de campo, com visita escolar e/ou domiciliar	40,67	54,96	65,96
Atuação junto à comunidade	19,24	45,89	65,96
Realização de exames psicológicos (Psicotécnicos)	24,18	45,11	65,96
ORIENTAÇÃO E SELEÇÃO PROFISSIONAL			
Orientação vocacional	38,47	54,96	76,95
Recrutamento e seleção de pessoal	29,68	54,96	76,95
Elaboração de instrumentos psicológicos	27,48	64,89	87,94
Desenvolvimento de projetos relativos ao trabalho	23,08	77,83	96,19
Identificação de necessidades humanas	21,99	67,01	78,05
Participação em programas educacionais, culturais, recreativos	21,99	63,38	87,94
Orientação e Acompanhamento	30,23	54,47	72,00
Orientação e encaminhamento de empregados	21,99	52,71	67,05
Avaliação de programas de treinamento	32,98	76,39	91,24
Orientação e Treinamento/Desenvolvimento	27,48	78,70	87,94
Desligamento de empregados	27,48	52,04	71,45
Preparação para a aposentadoria	43,97	65,96	98,93
ORIENTAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA			
Realização de pesquisas	32,98	49,47	65,96
Planejamento psicopedagógico	21,99	59,94	65,96
Orientação psicopedagógica	32,98	50,17	60,46
SOLUÇÃO DE PROBLEMAS PSICOLÓGICOS			
Psicomotricidade individual	32,98	47,54	54,96
Psicomotricidade em grupo	27,48	41,15	54,96
Problemas de aprendizagem individual	32,98	46,94	54,96
Problemas de aprendizagem em grupo	32,43	43,67	54,96
Psicoterapia individual	38,47	55,69	65,96
Psicoterapia de casal	43,97	69,00	87,94
Psicoterapia familiar	43,97	70,24	87,94
Psicoterapia de grupo	31,88	51,13	65,96
Ludoterapia individual	32,98	49,92	65,96
Ludoterapia em grupo	30,23	47,39	60,46
Terapia psicomotora individual	32,98	46,92	55,51
Terapia psicomotora em grupo	27,48	41,70	54,96
ACOMPANHAMENTO E ORIENTAÇÃO PSICOLÓGICA			
Acompanhamento psicológico da gravidez, parto e puerpério	43,97	59,85	71,45
Acompanhamento psicológico na gravidez em grupo	32,98	57,24	63,21
Acompanhamento psicoterapêutico	49,47	79,03	93,44
Acompanhamento psicológico de deficientes	32,98	47,48	54,96
Acompanhamento psicológico de idosos	38,47	54,42	65,96
Acompanhamento e reabilitação profissional	21,99	54,96	76,95
ASSESSORIA EM PSICOLOGIA			
Consultoria empresarial	52,21	107,71	120,92
Realização de pesquisa	32,98	54,96	87,94
Movimentação de pessoal	46,72	86,36	109,93
Supervisão de Atividades Psicológicas	46,17	72,14	87,94
Assessoria a Instituições Escolares	32,98	63,23	80,80

Fonte: CFP/CRPs/FENAPSI/Sindicatos de Psicólogos

RECADASTRAMENTO

Profissão liberal ainda é sonho de psicólogo

NÚMEROS DO RECADASTRAMENTO MOSTRAM A RELAÇÃO ENTRE AS VÁRIAS FORMAS DE VÍNCULO PROFISSIONAL E DEMONSTRAM QUE, QUANTO MENOS SE INVESTE EM POLÍTICAS PÚBLICAS, MAIS DIFÍCIL FICA O MERCADO PROFISSIONAL

Uma das conclusões a que o CRP chegou examinando os números do recadastramento relativos ao vínculo de trabalho que os psicólogos mantêm foi que, de cada 20 profissionais recadastrados, um presta serviço voluntário. O índice encontrado de profissionais que prestam esse tipo de serviço foi considerado alto tanto na sede do CRP-06 quanto nas subdeses. “Se avaliarmos a coluna referente ao trabalho autônomo na tabela, o que percebemos é que os índices permanecem equivalentes na capital e no interior do Estado, sempre em torno de 5%”, observou José Roberto Tozoni Reis, conselheiro do CRP. O conselheiro atribuiu tais números à dinâmica do mercado de trabalho em que existem muito mais profissionais do que vagas, o que possibilita que as empresas renovem seus quadros de profissionais periodicamente, em vez de renovar o vínculo com os profissionais.

Segundo seu raciocínio, a observação do trabalho autônomo em com-

paração com outros tipos de vínculo pode ser um bom indicador da situação da profissão não apenas em relação à dinâmica do mercado, mas também dos investimentos em políticas públicas que os governos municipais vêm fazendo. Dessa forma, se o fato de os índices de trabalho autônomo permanecerem sempre mais altos do que os encontrados no que se refere aos psicólogos que mantêm empresas (pessoa jurídica) ratifica as dificuldades que os profissionais apontam para se inserir no mercado, a comparação entre os índices encontrados em relação àqueles que mantêm vínculos de celetistas e estatutários revela a falta de investimentos nas esferas públicas. Nesse sentido, também as colunas referentes a estes dois tipos de vínculos sempre vão mostrar índices mais altos de profissionais que são contratados pela CLT, que predomina na esfera privada. “Mas é preciso chamar atenção para o fato de que muitos profissionais que trabalham em serviços

públicos também são contratados pela CLT e, portanto, não podemos tomar essa afirmação como conclusiva. Apenas como um indicador a ser posteriormente examinado”, relativizou o conselheiro. Ainda assim, isolando-se os municípios em que existem maiores investimentos na área de políticas públicas, como Assis, Bauru e Santos, o que se verifica é um crescimento significativo dos números referentes ao vínculo de trabalho “estatutário”. Da mesma forma, examinando-se a tabela como um todo, verifica-se que, nos locais em que há maiores índices de psicólogos estatutários e celetistas, há uma redução no número de profissionais autônomos. Um caso que chama particularmente a atenção é o de São José do Rio Preto. Isso porque é o município que mantém o maior número de profissionais autônomos e os menores índices percentuais de estatutários e celetistas. É também um dos municípios que menos investem em políticas públicas, abrindo a possibilida-

de para que o mercado se organize dessa forma.

Outra observação do conselheiro foi quanto ao expressivo número de profissionais que atuam como autônomos, que somam um total de 12.565 entre os 27.558 psicólogos recadastrados. Segundo Tozoni, tais números reiteram as afirmações de que a categoria trabalha, em sua maioria, nos consultórios particulares.

O conselheiro chamou atenção para o fato de que esses números tornam-se ainda mais expressivos se considerado o fato de que, entre o total de recadastrados, 19.332 responderam que trabalham como psicólogos. Mas existe um total de 26.573 vínculos. “Essa diferença nos números acontece porque o psicólogo geralmente mantém mais de um tipo de vínculo. É comum o psicólogo ter um emprego fixo e trabalhar como autônomo no consultório. Isso porque ainda prevalece o velho sonho de atuar como profissional liberal”, disse Tozoni.

Entenda o significado dos números

Atividades Profissionais dos Psicólogos por Vínculo de Trabalho, Segundo Sede e Subsedes Estado de São Paulo 1995 (1)

Sede e Subsedes	Vínculo de Trabalho												Total			
	CLT		Estatutário		Autônomo		Eventual		Voluntário		P. Jurídica				Não responderam	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
TOTAL	7.974	30,01	3.009	11,32	12.565	47,28	896	3,37	1.304	4,91	745	2,80	80	0,30	26.573	100,00
São Paulo	4.764	30,12	1.604	10,14	7.528	47,59	602	3,81	831	5,25	443	2,80	46	0,29	15.818	100,00
Assis	280	35,81	149	19,05	308	39,39	10	1,28	22	2,81	10	1,28	3	0,38	782	100,00
Bauru	266	32,60	157	19,24	328	40,20	29	3,55	25	3,06	10	1,23	1	0,12	816	100,00
Campinas	1.020	32,06	280	8,80	1.561	49,06	85	2,67	145	4,56	83	2,61	8	0,25	3.182	100,00
Ribeirão Preto	338	29,24	191	16,52	509	44,03	31	2,68	51	4,41	31	2,68	5	0,43	1.156	100,00
Santo André	569	30,30	157	8,36	890	47,39	66	3,51	97	5,17	92	4,90	7	0,37	1.878	100,00
Santos	240	23,19	188	18,16	515	49,76	24	2,32	39	3,77	28	2,71	1	0,10	1.035	100,00
São José do Rio Preto	182	27,08	93	13,84	321	47,77	13	1,93	46	6,85	11	1,64	6	0,89	672	100,00
Taubaté	315	25,53	190	15,40	605	49,03	36	2,92	48	3,89	37	3,00	3	0,24	1.234	100,00

Fonte: C.R.P - 06; Recadastramento Profissional dos Psicólogos

(1) O Recadastramento foi realizado no período de 03/06/94 a 31/05/95

OPINIÃO

Excluídos da Globalização-Políticas públicas

ADRIANO DIOGO*

Saudades do tempo em que os políticos, em suas plataformas e campanhas, exageravam o máximo possível para vencer o campeonato das políticas públicas, ou melhor, das promessas públicas.

Hoje, eles já praticam relações explícitas de violência e poder, e declaram que o "serviço público" para nada serve e que o Estado deve se livrar, ficando apenas com os setores essenciais...

Saúde, Educação, Bem-Estar Social, seriam os remanescentes classificados como políticas sociais. Fizeram com que o ex-ministro da Saúde, Adib Jatene, se expusesse a um flagelo nacional para obter verbas fora do orçamento, e quando da aprovação do CPMF, foi demitido com todo o desgaste, e o governo se apropriou do imposto.

O governo de Estado de São Paulo iniciou sua parceria com a Santa Casa ao transferir os pacientes do Hospital Psiquiátrico de Vila Mariana após anos de apodrecimento.

O governo municipal começa pela saúde a transferência de responsabilidade dos serviços públicos. As cooperativas, que são verdadeiras empresas privadas falimentares, agora desenvolvem um novo modelo após um ano de experiências que fracassaram. O que está por trás disso tudo?

Inicialmente nos diziam que as políticas públicas deveriam ser separadas das políticas estratégicas e econômicas, como as empresas e siderúrgicas.

Mas na realidade, tudo passa por uma avaliação de retirada do Estado das atividades públicas essenciais.

O Déficit público alcança 8 bilhões de reais; é equivalente ao valor da venda da Vale do Rio Doce.

Será que é necessário vender a Vale do Rio Doce com todas as suas reservas estratégicas para corrigir uma política cambial inadequada e uma balança de pagamentos desequilibrada?

Será que o aumento do PIB foi suficiente para retirarmos os recur-

sos necessários das áreas sociais?

Qual será o futuro das populações pobres, necessitadas dos serviços sociais que o Estado oferece?

Há que se observar os outros países da América Latina onde o modelo já está implantado e será oferecido um básico atendimento aos já empregados e aqueles de renda crescente vão se vincular à planos complementares, privados.

São desempregados do Mercado Informal ou do Sub-emprego, que terão ausência total de cobertura.

Há exclusão no universo do seguro-desemprego, da renda mínima e de outros programas desenvolvidos em décadas anteriores nos países do primeiro mundo.

Para os profissionais conscientes, o desastre é maior.

Todos aqueles que se vinculam aos serviços públicos e à pesquisa como objetivo de vida, e aí se incluem os mais brilhantes e mais estudiosos, estão se aposentando ou aban-

donando as universidades ou indo para o exterior.

A pesquisa acabou, o serviço público morreu.

Com a aprovação definitiva da Reeleição em todos os níveis para o Executivo implantar-se-á no país, além da unanimidade cega, o regime mercantil mais perverso do avanço das privatizações.

Vai se cortar da própria carne para se vender as últimas reservas.

O pior está por vir, pois os políticos, aos poucos, vão acabando com as políticas sociais e hoje iniciam o campeonato da privatização e pilhagem.

E sobrarão as famílias miseráveis pelas estradas como nômades tribos africanas, à procura de terra, que lhes dê um pouco de comida para suas crianças famintas e doentes.

São excluídos da globalização e da mesa farta,

Os sem terra, os sem PÁTRIA.

* Adriano Diogo é vereador pelo PT



CRP inaugura sua conferência na PsicNet

O CRP já está conectado à Psicnet BBS. Através do endereço eletrônico crpsp@psicnet.com.br a categoria já pode ter acesso a notícias importantes como as resoluções editadas pelo Conselho para normatizar o exercício profissional, as deliberações do II Congresso Nacional da Psicologia e informações sobre inscrição, cancelamento, Manual do CRP etc.

Democratizando informações, acreditamos estar contribuindo para o fortalecimento da psicologia.

Informe-se pelos telefones:
574-7133 ou 0800-14-2888.

INFORMES PUBLICITÁRIOS

FAMÍLIA

CURSO DE
FORMAÇÃO DE TERAPEUTAS FAMILIARES.

Duração: 4 anos/480 horas-aula
Início: 7 de março-Seleção: 21 de fevereiro
Inscrições: enviar Curriculum e 1 foto 3x4 até 20/01
Informações: Rua Pascoal Vita, 540 - tel: 813-5069

PSICOTERAPIA BREVE

(Cursos: Adulto e Infantil)
Um ano básico - 4 hs semanais
inscrições até 28.02.97

NEPPB - Núcleo de Estudos e
Pesquisa em PB e UNIMARCO
Rua Clóvis Bueno de Azevedo, 176
Ipiranga/SP - Informações: 63-5326

CLIFAM

Clínica de Terapia de Família e Casa - São Paulo
Oferece o curso:
INTRODUÇÃO A TERAPIA FAMILIAR SISTÊMICA
Coordenação: Silvana Cappanari
Duração: 1 ano Início: 11 de Março de 1997
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES: TEL.: (011) 885-1125
Vagas Limitadas

ORIENTAÇÃO

Centro terá novo projeto

CONSELHEIROS REÚNEM-SE UMA VEZ POR SEMANA PARA ELABORAR NOVAS DIRETRIZES PARA O SETOR

Desde o final do ano passado, os conselheiros do CRP-06 estão engajados em um novo projeto: reestruturar o Centro de Orientação, ampliando suas atribuições internas e externas. A idéia dos conselheiros é fazer uma categorização das demandas que chegam ao Centro, separando as questões passíveis de respostas imediatas daquelas mais polêmicas, que exigem aprofundamento e estudo. “Desde que iniciamos os estudos constatamos que há perguntas constantes que dizem respeito a esclarecimentos sobre a função do psicólogo ou sobre a natureza das entidades (conselho, sindicatos, associações). Em contrapartida, também surgem dúvidas e questões que requerem uma discussão aprofundada, pois envolvem questões éticas, técnicas e políticas”, esclareceu o conselheiro-presidente do CRP, Sidnei Corocine.

Um primeiro levantamento realizado pela conselheira Nilma Renildes demonstrou que em seus primeiros anos de funcionamento o Centro de Orientação cumpriu a função de prestar informações à categoria sobre suas dúvidas mais constantes, assim como servir ao CRP como um setor de triagem de demandas. “Agora devemos ampliar seu papel, mantendo sua função no que diz respeito à orientação, mas também atuando na elaboração de novos projetos e programas para o

Conselho”, disse Nilma. Para chegar a essa conclusão a conselheira tomou como base o relatório de consultas do Centro no ano passado, no período de outubro de 1995 até novembro de 1996, destacando a descrição das consultas e seu encaminhamento. Feito esse trabalho foi possível separar, inicialmente, 35 categorias de consultas, “que deverão ser novamente reagrupadas segundo suas naturezas”, explicou Nilma. Segundo ela, predominam dúvidas sobre questões imediatas. “Muitas vezes são dúvidas cujas respostas encontram-se no Código de Ética Profissional, no Manual do CRP-06 ou mesmo nas publicações das entidades.”

Mas também chegam questões que podem servir como indicadores para as ações do conselho. Um bom exemplo são as inúmeras dúvidas que a categoria manifesta sobre a prática do psicólogo judiciário. Já em meados do ano passado, a partir de um estudo das demandas que chegam ao Centro sobre essa área de atuação do psicólogo, realizado pela conselheira Dayse Bernardi, o CRP concluiu pela necessidade de realização de um evento específico para o setor. Foi organizado então o “*Encontro Serviço Social, Psicologia Judiciária e Cidadania*”, em parceria entre o CRP, o Conselho de Serviço Social e a Associação de Assistentes Sociais e Psicólogos Ju-

dicários do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Segundo informações da conselheira Dayse, o que se percebeu foi que “a demanda que chega ao Centro sobre a psicologia judiciária não vem dos profissionais que trabalham junto ao Poder Judiciário, mas principalmente dos que atuam nos setores de saúde e consultórios, quando solicitados a prestar serviços para a justiça”.

Dessa forma, ficou clara a necessidade de estabelecer-se maior intercâmbio entre os profissionais que atuam na justiça com aqueles que mantêm contato profissional eventual com o setor. “As dúvidas que prevalecem são de ordem ética e técnica. Queremos reunir os conhecimentos acumulados pelos psicólogos judiciários, sistematizá-los em um documento e socializar essas informações”, explicou Dayse. As conclusões do encontro do ano passado serão sistematizadas em um dossiê que servirá de base para a programação de outros encontros regionais.

O Conselho pretende desenvolver ações a partir da análise das questões que chegam ao Centro de Orientação tendo como referência as deliberações do II Congresso Nacional da Psicologia e a Carta Programa da gestão “*Psicologia em Ação*”. As primeiras medidas já começaram a ser adotadas. Desde o início deste ano, a Comissão do

Centro de Orientação vem funcionando em novos moldes. A antiga estrutura de uma comissão composta por alguns membros do Conselho foi substituída por um novo grupo formado por todos os conselheiros, membros de subseções e psicólogos convidados. A nova comissão vem se reunindo uma vez por semana no CRP e realizando o estudo a discussão dos casos que chegam ao Centro. Dessa forma, os conselheiros têm mantido estreito contato com as demandas da categoria e o novo encaminhamento das questões tem se revelado mais eficaz.

Informe publicitário

DISQ FREUD®

SP - (011) 815-3344 BIP 6R29
RJ - (021) 442-2430

Obras completas, nova edição, garantia Super promoção

Português - 24 vols. - Editora Imago

à vista 380,00 ou 2 x 200,00

ou 3X 140,00 ou 4 X 110,00

Atendemos volumes avulsos

Castelhano 25 vols. - Editora Amorrortu

Espanhol 3 vols. - Editora Nueva

Traduções do Alemão - Sob consulta

Atendemos em todo o Brasil

Entrega a domicílio

de Segunda a sábado de 8:00 às 20:00 horas

CGC 72.082.308/0001-34

JORNAL DO
CRP
CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA
6ª REGIÃO

Rua Borges Lagoa, 74

Fone: (011) 574-7133

Fax: (011) 575-0857

CEP: 04038-004 - São Paulo - SP

IMPRESSO

